



Presidente David O. McKay • 1873 — 1970



Mensagem de Inspiração

Alvin R. Dyer
da Primeira Presidência

Contemplando o futuro, a juventude de hoje encontrará eventos e gestos espantosos. Deverá preocupar-se em manter um equilíbrio moral e espiritual apropriado, evitando assim ser levada pelos modismos. As linhas seguintes sugerem que espécie de equilíbrio é este:

"O que quer que seja que enfraqueça a sua razão, ameace a ternura da sua consciência, obscureça seu senso de Deus e remova seu respeito pelas coisas espirituais; o que quer que seja que aumente a autoridade do corpo sobre a mente — é pecado — não importa quão inofensivo possa parecer em si mesmo." Sussanah Wesley.

O sentido e o propósito do homem é motivado por uma força mais profunda do que a ambição ou o sexo. O homem sente a necessidade de um relacionamento com Deus mediante a adesão aos princípios divinos. Dêste sentimento vem a fé e a certeza de que ele não é uma substância transitória que biologicamente deixará de existir, pelo contrário, é um ser eterno. Esta verdade, quando inteiramente apreendida, pode produzir a vitória da luz sobre as trevas.

Neste Número

Mensagem de Inspiração. Alvin R. Dyer	2
Sou Imensamente Grato. Pres. David O. McKay	3
David O. McKay — 1873/1970. Henry A. Smith	4
Amor Cristão. John W. Bennion	8
Atitudes e Aptidões. George A. Smith, Jr.	10
A Casa do Senhor. John A. Widtsoe	12
Agora, tirei dela o melhor. Richard L. Evans	13
O Princípio da Conversão. Samuel L. Holmes	14
Genealogia. David L. Pratt	16
Um Esconderijo Perfeito. Lucille Reading	17
Coisas Mágicas. George D. Durrant	18
Seu Bispo. John H. Vandenberg	20
Deleitando-se nas Escrituras. Elaine Cannon	22
Testemunho. Hugh B. Brown	23
Como Comunicar-se Efetivamente. Thomas S. Monson	27
No dia em que as Águas Subiram. Marcelo Leite Silveira	31
Gauchada em Rivera. F. Máximo	32
Notícias	34
Conferência na Ala de Sorocaba. Walter G. de Queiroz	35
Perdoemos a Nós Mesmos. Richard L. Evans	36

Capa

David O. McKay (1873-1970), profeta, vidente e revelador; nono presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, faleceu em Salt Lake City aos 96 anos de idade, após uma vida inteira de dedicação e serviço a Deus e ao próximo. A capa dêste mês homenageia o nosso grande líder.

A ²³³ ^{março} ¹⁹⁷⁰
Liahona

publicação mensal da Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos Últimos Dias editada pelo

Centro Editorial Brasileiro
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675

Editor

Hélio da Rocha Camargo

Redator

F. Máximo

Estaca São Paulo

R. Iguatemi, 1980, São Paulo, SP

Estaca São Paulo Leste

R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

Redator Regional

Ferrer da Costa

Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro, 215

CP 862, São Paulo, SP

Tel. 80-4638

Redator Regional

Richard K. Mathews

Missão Brasileira do Sul

R. Dr. Flores, 105, 14.º

CP 1513, Porto Alegre, RGS

Tel. 24-9748

Redatora Regional

Wilma Bing Torgan

Missão Brasileira do Norte

R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras

Rio de Janeiro, GB

Tel. 225-1839

Redator Regional

Walmir Silva

Missão de Construção Geral

R. Itapeva, 378, São Paulo, SP

Tel. 288-4118

Redator Regional

Manoel Marcelino Netto

Departamento Fotográfico

Rui Marques Bronze

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Litográfica Comercial, R. Independência, 213, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Os artigos publicados nas páginas dos redatores regionais são de responsabilidade deles e dos seus eventuais colaboradores.

Subscrições: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: NCrs 10,00; para o exterior, simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: NCrs 1,00; exemplar atrasado: NCrs 1,20. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.

“É um privilégio do homem ser feliz...”

Sou Imensamente Grato

Presidente David O McKay

(Este artigo já se achava pronto quando o Presidente faleceu em 18 de Janeiro de 1970)

Sou grato em saber que os membros da Igreja, e tantas pessoas em geral, compreendendo o fato de que as posses materiais por si sós não trazem a felicidade, estão apreciando mais do que nunca as coisas de maior valor. Estou feliz em poder gozar, junto com meus amigos, estas posses valiosas. Mencionando apenas algumas, diria que sou sumamente grato:

1. Por meus nobres pais e um nome digno:

A família dá à criança o seu nome e uma posição na sociedade. Uma criança deseja que sua família seja tão boa quanto as famílias dos seus amigos. Deseja poder apontar com orgulho para seu pai, e sentir inspiração toda vez que contemplar sua mãe. É um dever de mãe viver de tal maneira que seus filhos possam associar a ela tudo quanto é belo, doce e puro. É um dever de pai conduzir sua vida de modo a legar aos seus filhos um bom nome.

O exemplo é mais potente do que o preceito. Os pais têm o dever de ser aquilo que desejam que os seus filhos venham a ser. Sou extremamente grato por provir de pais assim.

2. Por uma fé perdurável num ser supremo e na divindade de Jesus Cristo.

A fé em Deus não pode, por certo, deixar de ser pessoal. Deve ser sua, deve ser minha; e, para ser operante, deve jorrar da mente e do coração. É nesse sentido que me refiro à fé em Cristo como a mais importante necessidade do mundo — uma crença que determina a religião do homem e suas metas. É um poder que conduz à ação e deveria ser, na vida humana, a mais fundamental de todas as forças motivadoras.

Ao que aceita a Jesus de Nazaré como verdadeiro Filho de Deus, ao que crê com toda a sua alma que Jesus vive hoje e que pode influenciar, e influencia, o mundo, os ensinamentos de Jesus Cristo e sua personalidade tornam-se uma realidade.

3. Pela faculdade e oportunidade de gozar os dons de Deus manifestos na natureza.

Todas as maravilhosas coisas da criação são minhas pelo mero ver e buscar. Tenho visto as brilhantes côres da água e da terra dos Mares do Sul, e os vívidos matizes da vida animal e vegetal que lá se encontram. Maravilho-me da abundante bondade de Deus para com o homem, tendo visto os seis continentes da terra aos quais as designações da Igreja me conduziram. Vibrei ao ensinar aos meus filhos como arar um sulco retilíneo, preparar a terra para a sementeira,

semeiar boas sementes e a aguardar as primeiras folhas verdes da germinação romperem na minha fazenda em Huntsville, Utah. Tenho estado lado a lado com eles, cuidando da safra, verificando se cada espiga estava madura, observando os campos dourarem-se com a ceifa, e então, a colheita, tal como meu pai me ensinou.

4. Pelo afetuoso relacionamento familiar — entes queridos e amigos leais.

Aquêle que tem pelo menos um amigo é rico, e eu tenho muitos que provaram-se fiéis e leais.

É um privilégio do homem ser feliz ao escolher o caminho que leva à felicidade. A verdadeira fonte da felicidade é encontrada na família e no lar. O amor torna os lares permanentes. Os lares permanentes nos quais habita o doce contentamento são a força de qualquer nação. Da mesma forma como os indivíduos contentes vivendo numa comunhão abnegada e amorosa fazem lares felizes, lares pacíficos, contentes formam comunidades pacíficas e florescentes; e grupos de tais comunidades constituem uma nação pacífica e florescente. A perpetuidade da nossa civilização moderna depende de lares bem organizados e bem governados.

A vida, em sua excelência, consiste em manter puro o corpo, aguçados os sentidos espirituais e físicos, apreciadores de tudo quanto é belo e bom; em sermos capazes de nos regozijarmos em tudo quanto Deus nos tem dado; em têmos amigos, em sermos amigos e posuirmos família.

5. Pela oportunidade de poder prestar serviços úteis na Igreja de Cristo, e, acima de tudo, pelo conhecimento de que um pai amoroso e bom prestará valiosa ajuda a todos os que procurarem sinceramente.

O mais nobre chamado na vida é aquêle no qual o homem pode servir ao seu próximo. O mais nobre objetivo da vida é esforçar-se por tornar outras vidas melhores e mais felizes. Serviço e caráter são as únicas coisas que podemos levar conosco quando deixarmos este mundo.

Pode você lembrar-se de alguma organização na qual possa servir de modo mais eficiente e organizado do que na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias? Mas, para sermos mais eficientes, precisamos sempre buscar ajuda em nosso Pai Celestial mediante oração sincera e humilde. Ele está interessado no trabalho da Igreja aqui na terra, e naqueles dentre nós que trabalhamos como servos seus.

Por estas e por muitas outras bênçãos, meu coração transborda de gratidão, e estou sumamente grato.

O Pres. McKay e os conselheiros Hugh B. Brown e Joseph Fielding Smith presidiram inúmeras sessões da conferência geral no Tabernáculo do Lago Salgado.

Esta é a mais antiga foto que se conhece de David O. McKay. Nela aparece entre os joelhos do pai, em companhia da família.



Em 1921, na companhia de Hugh J. Cannon, Elder McKay excursionou pelas missões da Igreja, realizando um feito único entre as Autoridades Gerais.

David O. McKay

1873-1970

Henry A. Smith

Secretário de Imprensa da Igreja

Faleceu em sua residência, em Salt Lake City, Utah, a 18 de janeiro de 1970, o Presidente David O. McKay, amado profeta, vidente e revelador da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Os funerais do quase centenário profeta (96 anos de idade) foram realizados no Tabernáculo de Salt Lake a 22 de janeiro.

David Oman McKay tornou-se o nono Presidente da Igreja em 9 de abril de 1951, quando foi apoiado pela congregação da Igreja em solene assembléia no histórico Tabernáculo da Praça do Templo. Contava na época 77 anos de idade.

A morte do amado profeta, vidente e revelador marca o encerramento de uma era de desenvolvimento sem precedentes — quase duas décadas de progresso sem paralelo do reino de Deus na terra.

O avanço do mormonismo tem sido tal que mais da metade dos quase três milhões de membros da Igreja de hoje jamais conheceram outro profeta que não o Presidente McKay. O período da sua presidência testemunhou o mais fenomenal crescimento e desenvolvimento de qualquer período semelhante na história da Igreja.

Ao assumir a liderança da Igreja, o Pres. McKay, expressando seu voto, disse: "Farei o melhor que puder para viver de modo a merecer a companhia do Es-

Em fevereiro de 1961, o Pres. McKay falou na cerimônia de dedicação da capela de Hyde Park, a primeira capela mórmon da Grã-Bretanha.





O Pres. McKay entrevistou-se com muitos líderes políticos, como Walter Nash, Primeiro Ministro da Nova Zelândia.

Um dos mais viajados presidentes da Igreja, nesta foto aparece falando à congregação neo-zelandesa.

pírito Santo." Sua liderança inspirada e as realizações da sua presidência testemunham que gozou desta companhia.

Foi de fato um "período áureo", no qual a Igreja ganhou expressão verdadeiramente internacional. A sua primeira visita à Europa como Presidente da Igreja, no verão de 1952, convenceu-o da "afinidade do povo da Igreja na Europa com a Igreja na América." Foi nesta ocasião que escolheu o lugar para a edificação do templo da Suíça e também examinou, tendo em perspectiva sua aquisição, o terreno sobre o qual ora se eleva o templo de Londres.

Expressou seu sentimento de que, se os santos dos últimos dias das nações do mundo pudessem gozar a grande bênção espiritual do templo, permaneceriam em suas pátrias e edificariam a Igreja onde viviam. O fato de haver dedicado durante o período da sua presidência, cinco templos, dos quais três localizados fora dos Estados Unidos (Suíça, Inglaterra e Nova Zelândia), prova que dedicou muito do seu esforço a essa tarefa.

Maiores evidências da sua claramente definida "orientação internacional" foram dadas pela organização, sob sua presidência, das primeiras estacas de Sião na Inglaterra, Europa continental, América do Sul e extremos do Pacífico. A primeira destas foi a Estaca de Manchester, Inglaterra, organizada em 1961.

David O. McKay tornou-se Presidente da Igreja sob circunstâncias bastante dramáticas. A 121.^a conferência anual fôra programada para os dias 6, 7 e 8 de abril (sexta, sábado e domingo), e seus planos haviam estado em elaboração já por várias semanas. Então, dois dias antes, em 4 de abril de 1951, no seu 81.^o aniversário, faleceu em sua residência em Salt Lake City o Presidente George Albert Smith. A sua cabeceira, quando lhe sobreveio a morte, estavam membros da sua família e o homem que haveria de sucedê-lo, sobre cujos ombros cairia o grande manto da presidência.

O Pres. McKay era na ocasião conselheiro da Primeira Presidência e Presidente do Conselho dos Doze Apóstolos. No dia anterior, em visita ao líder moribundo, quando o Presidente Smith já não mais o reconheceu, ele compreendeu plenamente que a responsabilidade da liderança lhe caberia. Foi uma experiência que o incitou à humildade.

Dois dias após teve início a conferência no Tabernáculo, com a cadeira do Presidente vazia. A autoridade que a presidia era o Conselho dos Doze, do qual David O. McKay era presidente. Na lembrança da maioria das pessoas ali reunidas, ou que acompanhavam os acontecimentos pelo rádio e pela televisão, aquela era a primeira conferência da Igreja dirigida pelo Conselho dos Doze.

As reuniões da conferência foram canceladas no sábado, dando lugar ao funeral do Pres. Smith, sob a direção do Pres. McKay. A conferência foi então estendida para incluir a solene assembléia da manhã de segunda-feira, durante a qual David O. McKay foi apoiado e a Primeira Presidência re-organizada com Stephen L. Richards e J. Reuben Clark, Jr., como conselheiros.

Um pouco de indicações sobre o notável crescimento da Igreja durante as quase duas décadas nas quais o Pres. McKay esteve à sua frente acham-se nos seguintes dados estatísticos: Quando tornou-se Presidente em 1951, a Igreja contava aproximadamente com 1.150.000 membros. Hoje aproxima-se da casa dos três milhões. Em 1951 havia 180 estacas; o número atual é de 500. Havia então 1541 alas e ramos independentes; hoje há mais de 4200. Havia 43 missões na Igreja em 1951; agora há mais de 80.

A liderança progressista e estimulante do Presidente McKay foi o fator chave deste crescimento. Sua influência pessoal foi sentida em quase todo lugar do mundo, onde quer que haja um ramo da Igreja. Foi o Presidente da Igreja que mais viajou. Utilizando os modernos meios de transporte, literalmente alcançou os recônditos da terra, visitando os santos, estimulando os missionários, dedicando capelas e templos e fazendo amigos para a Igreja em toda parte. Suas viagens incluíram várias visitas à Inglaterra e Europa Continental, às missões Sul e Centro Americanas, México, África do Sul (foi ele a primeira Autoridade Geral a visitar essa área), e às missões do Pacífico Sul, incluindo Nova Zelândia e Austrália, onde um Presidente da Igreja jamais havia se aventurado.

O Pres. McKay foi Autoridade Geral por cerca de 64 anos, tendo sido nomeado para o Conselho dos Doze em abril de 1906, aos 32 anos de idade.

David O. McKay nasceu em Huntsville, Ogden Val-



Em agosto de 1955, o Pres. McKay participou da cerimônia de lançamento da pedra fundamental do templo de Londres. Cinco templos, três deles fora dos EUA, foram dedicados sob a sua administração.



Em visita a Helsinki, em 1952, o Pres. McKay e esposa são saudados pelo Pres. Henry A. Mattis, da Missão Finlandesa.

ley Utah, em 8 de setembro de 1873, filho de David McKay, um converso mórmon da Escócia, e Jennette Evans McKay, nascida no País de Gales. Quando David tinha sete anos, seu pai foi chamado para uma missão de dois anos nas Ilhas Britânicas. A mãe e os filhos permaneceram em Huntsville cuidando da fazenda da família. (A casa de Huntsville tem sido o refúgio do "clan" dos McKay por muitos anos, e por todo esse tempo, até o último mal que o acometeu, o Pres. McKay deleitou-se em passar ali o tempo com sua família.)

David O. McKay iniciou sua educação em Huntsville. Em 1894 entrou para a Universidade de Utah, em Salt Lake City, pela qual formou-se em 1897, tendo sido o orador da turma. Após a formatura, seguiu nas pegadas do pai, servindo como missionário nas Ilhas Britânicas, iniciando assim uma vida inteira de serviço missionário e liderança que lhe ganhou a reputação de um dos mais destacados missionários da Igreja. Em março de 1898 foi nomeado presidente do Distrito de Glasgow, onde serviu por mais de um ano até ser desobrigado em setembro de 1899 para retornar ao lar.

Nesse ano recebeu uma designação como professor na Academia Weber, hoje Weber State College, em Ogden Utah. Em 1902, tornou-se diretor dessa escola.

O Pres. McKay esposou Emma Ray Riggs de Salt Lake City em 2 de janeiro de 1901 no Templo de Salt Lake City. Seu ideal de companheirismo estabeleceu um exemplo de solidariedade familiar para os santos dos últimos dias em todo o mundo. Tiveram sete filhos: David Lawrence McKay, Dr. Llewelyn R. McKay, Royal Riggs McKay (falecido), Sra. Russel (Lou Jean) Blood, Sra. Conway (Emma Rae) Ashton, Dr. Edward R. McKay e Robert R. McKay.

Poucos meses após ser chamado para o apostolado em 1906, tornou-se superintendente assistente geral da União das Escolas Dominicais Deseret. Em 1918, foi designado superintendente geral, servindo neste chamado até sua nomeação como conselheiro da Primeira Presidência em 1934. Tornou-se conhecido como o "pai da moderna Escola Dominical." Das suas muitas contribuições, nenhuma teve maior significado ou maior alcance do que as relacionadas com a unificação do programa da Escola Dominical e com o desenvolvimento

de técnicas de apresentação das lições da Escola Dominical. Do berçário à classe dos pais, inaugurou-se um currículo progressivo e graduado, e o treinamento de professores foi adotado em toda a Igreja.

O Presidente McKay fez importante contribuição para o programa de Educação da Igreja. De 1906 a 1919, foi membro da junta de educação da Igreja; de 1919 a 1921, foi comissário de Educação. Em várias ocasiões foi membro do conselho da Universidade de Utah e membro do conselho diretor da Universidade Estadual de Utah. Por ocasião da sua morte, presidia o Conselho Diretor da Universidade Brigham Young e da junta de educação da Igreja.

Em 1921, em companhia do Élder Hugh J. Cannon, fez uma excursão mundial pelas missões da Igreja, a primeira e única visita tão extensa jamais realizada por uma Autoridade Geral. Viajaram cerca de 100.000 quilômetros visitando todas as missões exceto a Sul-Africana.

Em 1922, foi designado para presidir as missões européias da Igreja, com sede na Inglaterra, retornando a Salt Lake City dois anos depois.

Nos dez anos seguintes continuou em sua designação como apóstolo, auxiliando na direção das atividades mundiais da Igreja. Então, em 1934, foi chamado pelo Pres. Heber J. Grant como segundo conselheiro da Primeira Presidência. Serviu nesta posição com o Pres. Grant, e mais tarde com o Pres. Smith até 1951, quando tornou-se Presidente da Igreja.

A despeito das suas ocupações como oficial da Igreja, desempenhou importantes responsabilidades cívicas. Em 1938, antecipando o centenário da chegada dos pioneiros mórmons ao vale do Lago Salgado, a observar-se em julho de 1947, o governador do Estado de Utah designou-o presidente da Comissão do Centenário do Estado. Sua liderança nesta designação teve seu clímax na celebração do Centenário que durou todo o ano de 1947 e pela ereção e dedicação do belo e majestoso monumento "Este É o Lugar" nas vertentes a leste de Salt Lake City, por onde Brigham Young e os pioneiros mórmons adentraram pela primeira vez o Vale do Grande Lago Salgado.

Seus sermões e escritos foram prolíficos. Apare-



Princes's Pier, Greenock, Escócia, 1955. O Pres. McKay saúda os integrantes do Côro do Tabernáculo.

Numa das suas muitas visitas às ilhas do Pacífico, o Pres. McKay ostenta aqui o tradicional "lei", colar de flôres com que são saudados os visitantes na região.

ceram em forma de vários livros e como editoriais nas páginas de "The Improvement Era", "The Instructor" e "The Unified Magazine" (do qual A LIAHONA é a edição em português.)

Esta vasta produção literária espiritual e religiosa permanecerá como memorial à inspirada liderança do grande e amado líder.

Muitas honrarias lhe foram conferidas, inclusive doutorados honorários da Universidade Brigham Young, Universidade Estadual de Utah, Universidade de Utah e da Temple University de Philadelphia, Pennsylvania. Ao receber êste último grau em junho de 1951, dizia a citação: "Sua vida tem sido empregada nos conselhos da Igreja, dirigindo suas escolas, encabeçando suas missões no exterior, escrevendo livros de doutrina e preceito, dirigindo seus negócios." Em setembro o International College of Surgeons, Chicago, Illinois, conferiu-lhe afiliação honorária em "reconhecimento pelas suas contribuições ao bem estar da humanidade e à devoção e encorajamento da educação e empreendimento humanístico." Muitas outras honrarias e citações vieram em consideração do seu destacado serviço à humanidade.

Hoje, milhões pranteiam o passamento de um grande líder humanitário, pai exemplar, líder cívico e espiritual, e profeta inspirado de Deus.



O Pres. McKay, por volta de 1906, quando da sua designação para o apostolado.

Amor Cristão

John W. Bennion

A mais distintiva característica de um santo dos últimos dias deveria ser o amor ao próximo. Jesus ensinou que o amor a Deus e ao próximo é o maior dos mandamentos, e o apóstolo Paulo salientou que nada pode compensar a falta de caridade.

O significado do amor cristão não é tão claro quanto alguns dos princípios mais concretos, tais como o do dízimo, o da Palavra de Sabedoria, o do jejum. Parte da dificuldade advém do fato de que há diferentes espécies de amor. A maioria de nós concorda, por exemplo, que o amor cristão não é a poderosa atração emocional e física que o homem e a mulher têm um pelo outro quando “profundamente apaixonados.”

Não obstante, há uma tendência entre as pessoas, de pensarem que o amor cristão assemelha-se à amizade ou ao amor familiar. Temos sentimentos positivos, cálidos, íntimos pelos familiares e amigos baseados em experiências comuns, valores e afetos especiais. Se supusermos que o termo amor cristão significa termos para com todos os homens a mesma espécie de sentimento que temos para com nossos amigos e familiares, então o princípio parecerá à maioria de nós demasiadamente idealista. Como, então, poderemos amar aos nossos inimigos da mesma maneira que amamos aos nossos entes queridos? Como poderemos ter sentimentos profundos e cálidos por aqueles que são indiferentes ou hostis a nós?

O amor cristão não é o mesmo que a amizade ou o amor familiar. Não se fundamenta no sentimento, mas num ato de vontade. Somos muito mais capazes de controlar a nossa vontade do que o somos de controlar os nossos sentimentos. Poderemos não ser capazes de gerar sentimentos cálidos e positivos por aqueles que nos odeiam e servem-se de nós com desprezo, mas poderemos exercer boa vontade para com eles. Termos boa vontade significa que nos comprometemos em agir no melhor interesse dos outros seres humanos, independentemente dos nossos sentimentos a seu respeito. O nosso compromisso está baseado na crença de que toda pessoa é um filho imortal de Deus, com grande potencial de crescimento moral, espiritual e intelectual. Cada pessoa, portanto, é de incalculável valor, não somente pelo que é mas também pelo que po-

tencialmente pode vir a ser. Todos os santos dos últimos dias deveriam ter um profundo respeito pelo valor e pela dignidade de cada alma humana, ainda mesmo que possam estar entristecidos pelo que algumas pessoas estejam fazendo no momento a si mesmas e aos outros. No abraçarmos o Evangelho, comprometemo-nos em fazer tudo o que pudermos para ajudar a cada filho de Deus a compreender todo seu potencial. Esse compromisso é o fundamento da boa vontade universal. Parece-me que disciplinamos nossa vontade de agir no interesse de outros, para o seu bem, mesmo que não tenhamos sentimentos íntimos e cálidos a seu respeito. Nossos sentimentos poderão até mesmo serem negativos, por vezes, quando nos defrontamos com pessoas hostis, detestáveis, repelentes. A questão é que podemos e devemos exercer amor cristão em seu favor, ainda que possamos não apreciá-los como apreciamos os nossos amigos e pessoas por quem somos naturalmente atraídos.

Para ilustrarmos a questão, consideremos o relacionamento de uma boa mãe com seus filhos. A mãe está profundamente compromissada com o bem-estar dos seus filhos. Procura sempre agir no sentido que acredita ser do melhor interesse deles. Seus sentimentos para com eles são costumeiramente cálidos e positivos, mas mesmo as melhores mães têm seus momentos de exasperação e ira. Os sentimentos jamais são constantes, e os filhos são, por vezes, uma provação. Podem conseguir provocar sentimentos negativos, de quando em quando, até mesmo na mais amorosa das mães. Não obstante, uma boa mãe não cessa de responder às necessidades dos seus filhos mesmo quando exasperada, frustrada ou irada. Seu comportamento é ainda guiado pelo seu senso de responsabilidade pelo bem-estar deles, não importa de que modo esteja se sentido a seu respeito em qualquer momento dado. Quando estão famintos, ela os alimenta. Se ferirem-se ou estiverem em perigo, virá ajudá-los.

Outro exemplo é o relacionamento entre um médico, advogado ou professor de alto gabarito, e seus respectivos clientes. Quando vamos ao médico, não esperamos que a qualidade dos seus serviços dependa de gostar ou não de nós. Esperamos que nos preste o benefício de toda a capacidade ao seu alcance, a despeito de que esteja ou não pessoalmente atraído a nós.

Semelhantermente, esperamos que os professores dos nossos filhos estejam profundamente preocupados e atentos para com as necessidades educacionais deles mesmo que possam naturalmente ter mais cálidos sentimentos por certas crianças do que por outras. Esta é uma das características de um profissional de alto gabarito. Consegue separar seus sentimentos do seu compromisso profissional e atuar no melhor interesse do seu cliente a despeito dos seus sentimentos. Ao aprendermos exercer boa vontade, poderemos fazer o mesmo com respeito a todos os que estiverem ao alcance da nossa influência, e ao o fazermos, tornaremos o amor cristão uma realidade em nossa vida.

Um costumeiro derivado da boa vontade é o desenvolvimento de cálidos e positivos sentimentos em nós mesmos e naqueles a quem é dirigida a nossa boa vontade. Quando demonstramos boa vontade para com as pessoas indiferentes, hostis ou odiosas, por vezes elas modificam sua atitude e nos correspondem.

Tal resultado é sempre encorajado, mas devemos nos lembrar de que nem sempre isso acontece, e a nossa boa vontade de modo algum deveria vir a depender de uma correspondência. A amizade é sempre recíproca; a boa vontade não. Algumas vezes nos sentimos melhor a respeito de uma pessoa ao demonstrarmos a ela a nossa boa vontade mesmo que não reaja favoravelmente. O amor cristão não depende nem dos nossos sentimentos nem dos sentimentos daqueles que recebem o nosso amor. É um ato da vontade, não é uma reação emocional. Paulo expressou o espírito do amor cristão quando recomendou aos romanos que tivessem igual apreço uns pelos outros e a associarem-se aos humildes. Disse-lhes que tivessem por objetivo que todos os homens pudessem ser considerados honráveis.

Ao tentarmos mais plenamente incorporarmos o princípio do amor cristão em nossas vidas, há algumas armadilhas que deveríamos ter o cuidado de evitar. Uma delas é a tendência de praticar a boa vontade em abstrato e não em concreto. Isto não produz o necessário impacto e pode nos confundir, fazendo-nos supor que estamos vivendo o princípio quando não o estamos.

Nosso senso de boa vontade para com a humanidade, por exemplo, não faz muito sentido se não tivermos boa vontade para com as pessoas com quem temos contato em nossa vizinhança, no trabalho ou na Igreja. Há os que da boca para fora dão grande valor à educação, mas nada fazem para melhorar as escolas locais. Outros proclamam o seu amor à pátria, mas são indiferentes para com as suas obrigações de cidadãos, falhando em se informarem quanto aos acontecimentos e aos candidatos, e em votar.

Alguns de nós alardeamos nosso amor pela Igreja, mas pouco fazemos em um nível concreto, partilhando nosso tempo, energia e talentos com nossos irmãos e irmãs. É uma tentação e uma fonte de engano de si mesmo a prática da boa vontade em abstrato e falhar na sua aplicação concreta.

Outra séria barreira para o amor cristão é a tendência que temos de fazer acepções no exercício da boa vontade. Este exercício é muito freqüentemente dependente de fatores tais como religião comum, raça, cidadania, classe social e nível de educação. Quando este é o caso, é uma indicação de que a nossa boa vontade não está suficientemente baseada na convicção do valor e dignidade inerentes a toda alma humana. Na verdade, se a nossa boa vontade está limitada às pessoas com quem temos algo em comum, não é amor cristão. Somos naturalmente atraídos para certos grupos com os quais temos muito em comum. O mesmo se dá com os demais. Nada há de errado nisto, mas não deveríamos confundir-lo com o amor cristão.

O amor cristão é um grande desafio e uma busca que durará toda a vida. A nossa meta é a de nos tornarmos capazes de exercer boa vontade segundo a necessidade apenas. Tal comportamento certamente será um pré-requisito para viver numa sociedade celestial.

Começamos a aprender e a praticar boa vontade no lar e na Igreja, mas o teste final é o nosso comportamento quando quer que encontremos um estranho, uma pessoa desagradável, uma pessoa de má vontade. Nossa convicção da paternidade universal de Deus e da fraternidade dos homens deveria ser suficientemente forte para nos capacitar a passarmos pelo teste.

ATITUDES E APTIDÕES

George Albert Smith, Jr.

Poderemos fazer uma comparação entre a maneira pela qual Jesus escolheu os líderes vinte séculos atrás e os métodos usados pelos modernos administradores na seleção de pessoal hoje?

Esta é uma intrigante questão, a qual não pode ser discutida facilmente numa curta declaração. Obviamente, os propósitos da seleção de eficientes líderes empresariais não são inteiramente comparáveis aos propósitos que Jesus procurou atingir; não obstante, algumas similaridades gerais podem ser apontadas.

Em ambas as situações, o líder deve ter vital consciência do que deseja realizar. Deve possuir uma real capacidade de liderança e ser capaz de discerní-la em outros. Não deve esperar a perfeição, mas não deve contentar-se com a mediocridade, ou com algo menos do que a lealdade, e deveria esperar por uma disposição para aprender e para trabalhar — freqüentemente contra probabilidades grandemente desfavoráveis.

Isto significa conceder tal importância aos valores básicos da empresa que os escolhidos sejam levados a dedicarem-se irrestritamente à causa inspirados e motivados enquanto o líder empresário (ou o Senhor) provê sua orientação pessoal, e ainda desempenhando tarefas essenciais por si mesmos a qualquer momento em que, seja qual for a razão, venha a lhes caber a carga da liderança final.

Evidenciam assim ativamente a sua fé na causa ou na empresa. Sendo assim, mesmo que ocorram erros na seleção e no desempenho, não serão fatais. Quando isto ocorre, poderão ser necessárias algumas mudanças de procedimento. Com a experiência e a responsabilidade, abre-se uma nova visão; e também novos poderes com as necessidades recém-descobertas.

Mentes e Corações Fortes.

No mundo dos negócios, o líder procura rodear-se de associados que tenham os vários talentos especiais necessitados. Devem ser capazes e dispostos a trabalharem com os superiores e uns com os outros. Isto implica em **atitudes** tanto quanto em **talentos**. Não se pode argumentar que Jesus tenha escolhido pregado-

res talentosos, mestres instruídos, grandes organizadores ou estudantes profundos para edificar a sua organização. Então, preocupava-se ele mais com as **atitudes** — a disposição para aprender a ocupação? Talvez. Mas naqueles dias, quando o realizar-se na erudição era privilégio de poucos, ele também conhecia as **aptidões** dos homens, e ele — o Mestre — certamente teria chamado homens de inteligência nata, coragem e força física para estabelecer a nova fronteira. Teria — e o fez — chamado homens que conhecessem os valores práticos do seu tempo.

Jesus conhecia, melhor do que o fazem os empresários, as metas de longo alcance da sua organização, e como o calibre dos seus homens transporia o hiato de dois milênios para fortalecer e influenciar a organização no seu esforço final para o sucesso. Para atingir suas metas imediatas, divulgar o Evangelho e estabelecer a sua Igreja no meridiano dos tempos, teria Jesus selecionado as mentes e corações fortes necessários à realização do trabalho? Vejamos.

Pescadores, Agricultores, Pastores

Em certo sentido Jesus estava trabalhando em um movimento religioso em progresso: o judaísmo. Noutro sentido ele o estava restaurando e aperfeiçoando, senão o substituindo. Nisto estavam implicadas metas, valores, métodos e propósitos.

Na época de Jesus, e desde há muitas gerações, os judeus constituíam uma nação subjugada. Tinham uma classe sacerdotal, profetas e até mesmo reis lhes fora concedido ter para si mesmos. Não obstante, todos estes estavam sujeitos a autoridades gentílicas. O leitor recordar-se-á de que havia um antigo desejo de um Salvador ou Redentor (de título variado) que seria capaz de livrá-los das suas formas de servidão.

Contra este fundo, poder-se-ia facilmente suspeitar de que o próprio Jesus seria proveniente de uma família pertencente às reconhecidas classes sacerdotais ou dominantes. Pelo menos poder-se-ia imaginá-lo buscando alguns ou todos os seus apóstolos em tais grupos. Entretanto isto não se deu. Tal como José, ele mesmo fora carpinteiro. Escolheu pescadores, agricultores, pastores, um pequeno funcionário público e alguns simples artesãos. Provavelmente teriam em comum certa familiaridade com as Escrituras e com as tradições, esperanças e problemas da que poderíamos chamar classe operária superior. Do pouco que conhecemos a respeito deles, representavam ampla gama de disposições.

Certamente reconheciam em Jesus uma figura muito pouco usual. Daí o estarem dispostos a abandonar ou a minimizar suas tarefas de subsistência. Acompanharam-no por quase qualquer lugar onde foi. Observaram-no de perto. Perguntaram-lhe muitas coisas e fizeram sua parte o melhor que puderam, embora mui-

George Albert Smith, Jr., filho do oitavo Presidente da Igreja, homônimo, foi professor de Administração de Negócios na Universidade de Harvard. Faleceu em 12/10/69.

tas vêzes não compreendessem plenamente o propósito ou o significado do que estavam fazendo.

O breve relato do seu curto ministério, o qual presta ainda menos informações detalhadas sobre cada apóstolo, sugere que provavelmente à vista da maioria ou de todos êles, havia pelo menos discrepâncias ocasionais entre o que êles **pensavam** que êle estava buscando realizar e os seus verdadeiros propósitos básicos. O que êles **esperavam** ver e ouvir muito freqüentemente corria o que **de fato** êle lhes dizia e buscava esclarecer-lhes. O leitor recordar-se-á de exemplos da intensa fé que tinham nêle e nos seus ensinamentos e também de períodos ocasionais de dúvida por parte de pelo menos alguns dêles.

Traição, Negação e Dúvida

O relato, e os acontecimentos finais da vida terrena de Jesus, tornam bastante claro que "o povo no poder" — tanto secular quanto eclesiástico — a quem êle abertamente exproba por vêzes, o considerava no mínimo um agitador, e freqüentemente como um perigoso revolucionário.

O chamado dos discípulos



Os seus contemporâneos de tôdas as classes — amigos e inimigos — maravilham-se, por diferentes razões, dos seus ensinamentos, do que significariam suas maravilhosas realizações, das afirmações que êle ousava fazer, de quem êle ousava chamar de benditos, e de quem êle ousava condenar.

Foi finalmente crucificado por aquêles que temiam o seu crescente poder entre as massas, mesmo que êle tivesse desejado renovar o melhor em **todos os homens**, para salvá-los a **todos** das conseqüências do pecado e do mal — tanto pessoal quanto histórico. Parece irônico, mas não incompreensível, que a natureza humana seja o que usualmente tem sido — atribuindo elevado valor à riqueza, ao poder político e social, e à posição social, e assim temendo a qualquer pessoa ou causa que viesse a frustrar tais ambições para aumentar a justiça humana e maximizar a compaixão.

Jesus chorou por aquêles que não iriam ser salvos, e pediu a Deus que perdoasse aos seus crucificadores, porque eram ignorantes do que faziam.

Na confusão das suas últimas horas, a despeito da anteriormente efetiva e expressa lealdade, Judas traiu-o e Pedro negou conhecê-lo. Após a sua morte e sua ressurreição, Tomé duvidou da realidade do que viu. E ainda outros pareceram não reconhecer a Jesus quando pela primeira vez lhes apareceu.

Fiéis ao Seu Chamado

De que após a crucificação dias houveram de perplexidade e, sem dúvida, de desapontamento por parte dos seus apóstolos e de outros, o relato dá testemunho. Não foi senão após o dia de Pentecostes, quando o seu entendimento foi aberto por meio do dom do Espírito Santo (veja João 20:22), é que os apóstolos aparentemente compreenderam qual foi, para êles e para todos os homens, o significado último do ministério de Cristo, sua vida, sua morte, sua ressurreição, suas esporádicas visitas a êles, sua partida final e sua promessa de um segundo advento.

Após a partida de Jesus, Judas foi substituído por Matias, e Paulo juntou-se aos outros como portador ativo da mensagem.

Daí em diante, todos os apóstolos dos quais temos registro — escriturístico ou secular — dedicaram-se de tempo integral a pregar o que Jesus lhes ministrara. Exortaram a todos quantos podiam atingir a crerem na sabedoria dos princípios do Mestre, a conformarem suas vidas a êles, e a colherem os eternos lucros e benefícios a serem obtidos por assim fazerem.

Escolheu Jesus sãbiamente os seus apóstolos? Serviram-no êles bem e eficientemente? Até às suas próprias mortes promoveram a sua obra e divulgaram as suas "boas novas" completa e fielmente. A questão merece por resposta um caloroso "sim".



Templo de Los Angeles, Califórnia, EUA.

A Casa do Senhor

John A. Widtsoe

Um templo é um edifício no qual são realizadas as ordenanças da Igreja mais compreensivamente sagradas. É uma "casa de oração, uma casa de jejum, uma casa de fé, uma casa de ensino, uma casa de glória, uma casa de ordem, uma casa de Deus." (D&C 88:119). É um lar terreno do Senhor.

Os templos foram necessários em tôdas as dispensações, pois nêles o Senhor revela-se em pessoa ou pelo seu Espírito Santo, e dêles procede a preparação do mundo para o seu final destino. Nos templos, o tempo e a eternidade são ligados e a unidade do plano de salvação é feita evidente. O viver o Evangelho é centralizado na atividade do templo e nela é completado.

O poder espiritual é gerado no interior das paredes do templo e daí propagado para abençoar o mundo. A luz da casa do Senhor ilumina cada lar dentro da Igreja que esteja preparado para recebê-la pela participação nos privilégios do templo. O caminho do templo ao lar do homem é divinamente brilhante. Cada lar penetrado pelo espírito do templo ilumina, anima e conforta cada membro da família. A paz que cobiamos encontra-se em lares como êsses. Em verdade, quando os templos estão sôbre a terra, o mundo inteiro participa sensivelmente da luz dêles emitida; quando não estão sôbre a terra, os corações dos homens tornam-se pesados, como se dissessem, com o povo dos dias de Enoque: "Sião fugiu."

Os templos são para o benefício e iluminação dos membros da Igreja. Nêles são reveladas as chaves do Sacerdócio, e nêles é dado poder "do alto" aos homens para que possam fazer face aos muitos requisitos da vida. Lá podem os homens comungar com as forças dos céus, até que a dúvida e a inquirição possam ser substituídas pelo conhecimento e pela certeza. As ordenanças e o ritual do templo, profundamente significativo, estabelecem completa e compreensivamente as verdades da vida, explicam o mistério da existência e tornam o Evangelho mais compreensível. Aquêles que têm recebido com corações abertos as bênçãos do templo, saem com incrementado poder e uma nova compreensão dos problemas da vida.

Os homens podem elevar-se mediante o trabalho do templo a altos níveis de caráter e alegria espiritual. Apenas uma vez pode a pessoa receber o "endowment" do templo para si mesma, mas poderá recebê-lo inumeráveis vêzes por aquêles que já se foram da terra. Quando quer que o faça, realiza um ato altruístico para o qual não existe nenhuma recompensa terrena. Pode experimentar em parte a doce alegria de desempenhar o papel de salvador. Aproxima-se da estatura do Senhor

Elder John A. Widtsoe, nascido na Noruega em 1872 e falecido em 29 de novembro de 1952, foi presidente das duas maiores universidades de Utah antes de ser chamado para o Conselho dos Doze em 1921. Escritor dotado e prolífico, foi por muito tempo editor de "The Improvement Era."

Jesus Cristo, que morreu por todos. Os homens que assim servem aos mortos saem do templo para o comércio dos homens com renovado poder de proceder lealmente nos negócios com outros, de pôr em prática a regra de ouro: "Fazei aos outros assim como quereis que vos seja feito."

Entretanto, há recompensas imediatas em tal serviço vicário. Cada vez que uma pessoa recebe o "endowment" por uma outra, revê a eterna jornada do homem, é lembrado das condições do progresso eterno e dos seus próprios convênios de obedecer à lei de Deus, é-lhe novamente inculcada a idéia de tornar a verdade viva pela prática, e contempla novamente o glorioso destino do justo. Sua memória é refrescada, sua consciência alertada, suas esperanças elevadas aos céus. A repetição no templo é como as bênçãos diárias da mãe. Sempre que voltam, o trabalho do templo beneficia àqueles que o realizam.

Os que adentram os templos desejando obter o máximo desta experiência devem buscar preparar seu coração purificando-o. Somente os que assim procedem, participam plenamente das bênçãos que fluem do templo. As pessoas indignas, ou as que têm os olhos fixos nas coisas externas, mesmo que entrem não sentirão a beleza essencial e o valor das ordenanças do templo. Os puros de coração conhecerão que Deus está no seu templo. Deve-se ter sempre em mente que o tra-

balho nos templos, assim como nas demais divisões da Igreja, é feito por homens mortais e imperfeitos, mas que a história, as lições e os frutos do "endowment" do templo são divinos e perfeitos. Todos os que entram no templo devem procurar ver através da imperfeição material a perfeição espiritual.

Todos os que utilizam os seus privilégios do templo com justiça receberão paz, segurança, entendimento e alegria. Jovens, adultos e velhos — todos necessitam da ajuda que os templos oferecem. E é bom buscar as bênçãos do templo cedo na vida. Muito é perdido na vida quando um casamento não é iniciado sob a autoridade seladora do templo. Um templo é "para os santos um lugar de ações de graças... para que se aperfeiçoem na compreensão do seu ministério, em teoria, em princípio e em doutrina, em tôdas as coisas concernentes ao reino de Deus na terra... e a minha presença aí estará, pois entrarei nêle, e todos os puros de coração que a êle vierem, verão a Deus." (D&C 97:13-14, adaptado pelo tradutor). De tais bênçãos todos os santos dos últimos dias necessitam, e o mundo inteiro também necessita delas.

Considerem quão pobres seríamos sem os nossos templos e as verdades que representam! Louvamos ao Senhor pelos nossos templos e pela nossa compreensão de como usá-los. Que possamos ser sempre um povo construtor e usuário de templos!

Agora, tirai dela o melhor!

Richard L. Evans

do Conselho dos Doze

Conta-se algures a história de uma talentosa mãe que parecia não estar fazendo o bastante com os dons e habilidades com que tinha sido dotada, e um dia sua mãe, agindo sob um forte impulso, tomou-a pelos ombros e agitou-a impacientemente, dizendo: "Dei-lhe a vida. Agora faça algo com ela! "Poderíamos conceber o Pai de nós todos dizendo o mesmo: "Dei-vos a vida. Agora fazei o melhor dela! Dei-vos tempo, oportunidade, talento, inteligência, a boa terra e tudo o que ela oferece — agora usai-a, fazei algo dela!" Isto traz à mente uma frase que não tem sido muito ouvida ou dita nestes dias, mas que é plena de significado: "Não estamos aqui para brincar, sonhar ou vaguear." Um dos maiores desperdícios do mundo é o desperdício de tempo, de talento, de oportunidade, de esforço criativo — indiferença ao desenvolvimento, indiferença à instrução, indiferença ao trabalho — o não-se-importe, caia-fora, o-que-adianta, são as atitudes. Há ocasiões de preparativos e ocasiões para um desempenho sério e responsável, e será melhor para nós encontrarmos uma direção, a nós mesmos, e nos movermos para diante, evitando o vaguear indiferente ou a ruinosa procrastinação no uso das inapreciáveis faculdades e oportunidades que Deus nos deu. Um dos fatores estabilizadores nesta ampla e abençoada terra, e na vida de cada um — que reduziria a inquietação e o descontentamento — seria cada um de nós assumirmos um compromisso de desenvolver e usar de modos mais úteis o melhor das nossas habilidades, talvez aprendíveis de que o Pai de nós todos possa de alguma forma, algum dia, sacudir-nos e dizer inesquecivelmente (o que aliás tem feito em maior variedade de maneiras do que disso temos consciência): "Dei-vos vida. Agora, tirai dela o melhor!"

O Princípio da Conversão

Samuel L. Holmes



"Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo." — Mateus 16:16.

Jesus havia desafiado Pedro a identificá-lo e chamou de revelação a sua fervorosa resposta. Foi um momento de perfeito conhecimento, de ânimo integral e incondicional; não obstante, a fraqueza e a vacilação foram recorrentes continuamente no espírito dêste discípulo escolhido.

Desde os dias de Pedro, outros crentes na divindade de Jesus Cristo buscaram um senso de certeza de fé mas têm encontrado um crescimento instável. A experiência em questões de fé religiosa lentamente nos ensina que um arrebatador rasgo de revelação pessoal não é necessariamente seguido por uma perspectiva automática de todos os eventos da vida, relações pessoais fáceis, soluções prontas para todos os problemas ou sujeição permanente de tôdas as dúvidas.

"Quando Te Converteres"

Não foi assim com Pedro. O homem que tem sido interpretado como impulsivo, impaciente, impetuoso ou simplesmente irrefletido, teve que aprender que a conversão, tal como para nós todos, é um processo, e não um estado fixo do ser. Aquêlê conhecimento indubitável experimentado na costa de Cesaréia de Filipo e mais tarde no Monte da Transfiguração (Veja-se Mateus 16:13-17; Lucas 9:28-32) foram momentosos passos na transformação do entusiástico pescador; mas o conceito que tinha da missão do Messias continuou a refletir por quase três anos os métodos físicos, diretos, de um homem acostumado a ganhar a vida com o suor do rosto.

O período de treinamento após a primeira grande confissão de crença de Pedro, embora cheio de alusões feitas por Jesus quanto à sua morte inescapável, não trouxe ao discípulo pelo esclarecimento. Quando Jesus falou claramente de ir a Jerusalém para sofrer muitas coisas nas mãos dos anciãos, sumo-sacerdotes e escribas, culminando com a sua morte e sua ressurreição no terceiro dia, Pedro fêz objeções ao Senhor, afirmando que tal não haveria de suceder, e foi por isso severamente reprovado:

"Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens." (Mateus 16:23).

O impulso que parece ser tão natural ao homem, de revidar, de recorrer à violência, de substituir o

Samuel L. Holmes, advogado pela Universidade de Utah, serviu em missão na Inglaterra e no nordeste dos EUA. Atualmente integra a Junta Geral da Escola Dominical.

juízo de Deus pelo do homem havia jorrado em Pedro, como tornaria a ocorrer mais tarde.

Quando se aproximava a hora da sua morte, o Senhor falou aos apóstolos sobre a sua iminente separação deles. Pedro expressou a sua devoção pessoal fazendo voto de dar a sua vida em favor do Mestre. Jesus, entretanto, prevendo a longa e difícil via à frente do seu principal apóstolo, meramente advertiu-o:

“... Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo; mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos.” (Lucas 22:31-32)

A frase “quando te converteres”, vindo assim tardia, mostra algo interessante. O significado é um tanto mais claro numa versão moderna do Novo Testamento na qual vem traduzida como “te converteres novamente”. Esta tradução mostra mais claramente que faz-se necessário um contínuo treinamento espiritual, e que a fé pode flutuar a despeito de uma origem miraculosa.

“Apascenta as Minhas Ovelhas”

A habitual disposição de Pedro em tratar com os homens nos mesmos termos de força deles, reapareceu na noite da prisão de Jesus quando ele atacou a Malco com um golpe de espada mal dado e cortou-lhe uma orelha. A subsequente cura de Malco e a humilde rendição de Jesus devem ter parecido incompreensíveis para Pedro. (Veja-se João 18:10-11; Lucas 22:49-50)

Nesta mesma noite, tal como Jesus havia predito, sua fé não bastou para que o impedisse de negar três vezes, dentro de poucas horas, que ele conhecia o Salvador condenado. Logo seguiu-se a isto o remorso e o arrependimento. A compreensão de que havia falhado numa prova de fé, tal como pode ocorrer a qualquer um de nós ao sucumbirmos ao temor pela nossa segurança imediata, o subjugou. Retirou-se e chorou amargamente. (Veja-se Lucas 22:56-62)

A provação estava longe de estar terminada. Lucas, precisamente, diz-nos que apareceu o Senhor ressurreto a Pedro, e todos os evangelistas registram várias visitas a grupos que incluíam Pedro. Todos relatam que Jesus declarou em termos claros e inconfundíveis que o Evangelho deveria ser pregado entre todas as nações e que ele “abriu-lhes o entendimento” antes que testemunhassem a sua ascensão.

Mas ainda não estava claro para Pedro. Fazia-se necessário um novo despertar para as responsabilidades da sua conversão. Em vez de sair a pregar, Pedro voltou à sua velha ocupação de pescador. Após uma frustradora noite, uma voz chamou-o da praia e disse-lhe que lançasse a rede do lado direito do barco. A pesca maravilhosa foi a chave, e o Senhor foi reconhecido. Na feliz reunião em que comeram ao pé do fogo, Pedro três vezes protestou o seu amor pelo Senhor, e foi-lhe dito que apascentasse as suas ovelhas. Somente após aquele chamado foi que Pedro assumiu plenamente o papel de líder, cedendo à orientação do Espírito Santo.

Obediência — Base da Conversão

Rapidamente, ele cresceu em confiança, dirigindo o processo de seleção de um outro apóstolo e engajando-se nos esforços missionários. Pregou o arrependimento e o batismo a milhares no dia de Pentecostes, e foi miraculosamente entendido por diversos estrangeiros que não falavam o seu idioma. Curou os doentes e desafiadoramente testificou ao sumo-sacerdote e à sua família que agia em nome de Jesus Cristo de Nazaré, a quem tinham eles crucificado, e declarou que não havia outro nome sob os céus pelo qual pudesse ser salvo o homem. Embora proibido de pregar, ameaçado e agredido fisicamente, Pedro finalmente mostrou-se destemido e regozijou-se por ser digno de poder sofrer em nome do Senhor. (Veja-se Atos 2-5).

A conversão do espírito e o poder de dirigir atividades pareciam finalmente ter-se infundido em Pedro, mas as provações ainda estavam longe do seu final. Suas bem sucedidas pregações posteriores, cura de doentes e mesmo o levantamento de mortos, foram interrompidos pela perturbadora visão de alimentos impuros e a interpretação da visão manifesta no derramamento do Espírito Santo sobre Cornélio e outros gentios. O subsequente batismo destes gentios provocou uma crise entre os santos, e Pedro teve que aprender outra lição e dar outro passo no processo dessa conversão que persevera até o fim e conduz à exaltação. Teve que desenvolver a coragem e a convicção de endossar uma doutrina amargamente ressentida entre seus irmão judeus-cristão. (Veja-se Gálatas 2 e 3). A controvérsia com os elementos judaizantes, a qual quase cindiu a Igreja, somente terminou quando o entendimento de Pedro ampliou-se o suficiente para permitir-lhe anunciar um Evangelho universal em vez de o de uma mera seita judaica. (Veja-se Atos 18.)

O serviço devotado durante uma longa e dura vida foi simultaneamente o resultado e a base de uma conversão para este grande homem. Poucos detalhes da sua vida subsequente são conhecidos, mas ao aproximar-se o fim da sua mortalidade, procurou fazer com que os santos “tivessem lembranças”, testificando-lhes novamente sobre um dos grandes eventos da sua conversão: quando foi testemunha ocular de como Jesus Cristo “recebeu glória” de Deus Pai, e uma voz dos céus disse: “Este é o meu Filho amado, em que me tenho comprazido.” (Veja-se 2 Pedro 1:12-18)

Os grandes milagres são experimentados por poucos, mas a vida de Pedro ensina que apenas milagres não são suficientes para a conversão. Antes, a habilidade de renovar a fé após o seu enfraquecimento, a disposição de aprender e de arrepender-se, mantendo aberta a porta à inspiração suplementar, e o serviço dedicado que persevera até o fim — estes sim é que conduzem à conversão. Pedro relutou com estes princípios durante anos à medida que o significado do Evangelho desdobrava-se diante dele. O jugo tornou-se suave e leve a carga ao longo do caminho, não devido a um milagre ou outro, mas mediante o processo da conversão.

Genealogia

a grande unificadora

David L. Pratt

Genealogia é o estudo sistemático da história pessoal com o fim de determinar-se a ancestralidade de uma pessoa. Depende da existência de registros do passado e da sua habilidosa análise por meio dos esclarecimentos fornecidos pela história, pela geografia e por estudos correlacionados das conexões e deslocamentos humanos.

Os santos dos últimos dias vêem na genealogia um instrumento para soldar os laços familiares entre os vivos e os mortos. A família é a base do reino do Senhor, e no mais elevado grau do reino celestial só será possível a admissão para aqueles que tenham sido selados em uma família eterna.

Trabalhamos sob o espírito de Elias quando nos casamos no templo, quando realizamos a nossa reunião familiar e quando exercemos o sacerdócio patriarcal em justiça, mas a visão completa não é obtida até que reconheçamos a genealogia como o meio de estender o nosso círculo familiar até mesmo para além do véu. Então começaremos a apreender o pleno significado da declaração do Profeta Joseph Smith: "O poder de Elias é suficiente para fazer com que seguramente sejamos chamados e escolhidos." (Ensinaamentos do Profeta Joseph Smith, p. 338)

Além da meta espiritual da genealogia, talvez nós, santos dos últimos dias, devamos ser lembrados de que ela não é apenas um meio para conduzir a um fim. Não

subestimemos o significado e a potencialidade dela nos demais setores da vida. A genealogia ajudará qualquer estudioso a obter um alicerce mais sólido para os seus estudos. Os antecedentes de regiões inteiras ou de eventos podem ser traçados por meio das genealogias e das personalidades implicadas, para explicar por que pensaram e agiram da forma como o fizeram. As tendências culturais que moldaram seus hábitos e problemas e as raízes das suas instituições podem ser mais facilmente determinadas. A genealogia é o esqueleto da história, e os seus estudiosos reconhecem que suas buscas estão ligadas, tal como o declarou certo autor, "aos movimentos da história humana e entrelaçados com as raízes e ramos da natureza humana." (Anthony R. Wagner, *English Ancestry*.)

O papel da genealogia talvez tenha um significado ainda mais profundo nestes dias de rápidas mudanças. A tecnologia e a indústria modernas libertaram o homem das labutas do passado e deram-lhe mais tempo e recursos para dedicar-se às preocupações espirituais e educacionais. Mas, ao mesmo tempo, estes avanços têm involuntariamente enfraquecido a estrutura da família, e, freqüentemente, deixado o homem desprovido de meios para resolver o problema de como usar o tempo de lazer recém-descoberto. As recrea-

ções triviais com as quais muitas pessoas preenchem as horas de lazer diárias cada vez mais numerosas, apenas contribuem para a inquietação, falta de propósito e falsos objetivos que afligem os tempos presentes. A genealogia poderia desempenhar um duplo papel em ajudar o homem a empregar o seu tempo livre de modo mais inteligente, dando-lhe uma compreensão melhor do passado e, o que ainda é mais importante, ajudando-a a "reconstituir os laços humanos que possam restaurar à sua vida a dignidade e o significado perdidos." (Id.)

Montesquieu informa-nos que é impossível honrar "os parentes mortos sem sermos levados a reverenciar os vivos." A genealogia é, verdadeiramente, um nivelador que aproxima as pessoas em sensibilidade e aprêço pela herança comum. A genealogia não faz acepção de pessoas, e o seu cultivo deveria torná-los tolerantes para com os outros, ao aprendermos quão enleadas e entrelaçadas estão tôdas as nossas ascendências.

A genealogia não é o tema dos mortos; antes, é o unificador dos vivos e mortos para que possam ser selados pelo poder de Elias. Não há lugar em nossa teologia para aquele que clama não ter tempo para a sua família, viva ou morta. Está dentro de cada um de nós o poder para alcançarmos esta meta.

David H. Pratt, ex-supervisor assistente de pesquisa da Sociedade Genealógica, é Instrutor de genealogia na Universidade Brigham Young e o atual líder do grupo de sumo-sacerdotes da Ala V de Pleasant Grove, Utah.

um esconderijo perfeito



Sherry Thompson

Lucille Reading
conta um caso verídico

Mark estava solitário. Fôra tão bom ter consigo sua irmã que veio da escola passar o fim de semana em casa, enquanto mamãe e papai ouviam a transmissão da Conferência Geral de Salt Lake City pelo rádio.

Era uma fria e clara manhã de outubro. Linda, a irmã de Mark, havia ido para a escola. Tão logo sua mãe, a Sra. Hammond, terminara de lavar a louça do desjejum, ela e Mark vestiram seus suéteres e atravessaram apressados a estrada, até o local onde a Sra. Mills estava pendurando sua roupa lavada na segunda-feira. Marsha, de apenas cinco anos, alegrou-se ao ver Mark.

As crianças brincavam felizes perto do varal, enquanto suas mães conversavam sobre os sermões que haviam ouvido pelo rádio no fim da semana. Então Marsha avistou de relance Sandra que saía de sua casa. "Vamos brincar de esconde-esconde?" sugeriu ela, "vamos ver se a Sandra é capaz de nos encontrar."

De mãos dadas, as crianças atravessaram correndo o quintal e esconderam-se na garagem. Em um canto afastado, havia um enorme refrigerador abandonado, vazio. Poucos dias atrás, o Pai de Marsha retirara os sacos de cimento e o deixara vazio, sem guardar ali qualquer outra coisa. O lugar pareceu-lhe um perfeito esconderijo!

Assim que Marsha e Mark pularam para dentro do refrigerador, as duas pesadas portas fecharam-se. As crianças começaram a gritar por socorro, esmurrando as portas e paredes daquela prisão, até que suas vozes enfraqueceram-se e eles se abateram, chorando de medo e de cansaço. Suas roupas estavam úmidas devido ao movimento e esforço que faziam para respirar dentro daquela caixa quente e abafada.

De repente, Marsha parou de chorar e disse: "Não chore, Mark. Vamos orar." Enquanto Mark tentava controlar seus soluços, Marsha começou a orar angustiadamente. E naquele exato momento, as mães das crianças, que tinham estado chamando e procurando desesperadamente por elas na vizinhança, decidiram dar uma olhada na garagem, "uma vez mais."

Fôra a voz de Marsha, elevando-se em oração, soando fracamente num canto escuro, que levou à descoberta e salvação das duas crianças.

Poucos anos mais tarde, Mark e vários dos seus amigos decidiram verificar se, ficando do lado de fora da garagem, poderiam ouvir a voz de um deles que gritasse de dentro do enorme refrigerador.

Repetidas experiências fizeram com que todos eles concordassem que teria sido impossível que a voz de Marsha e Mark pudesse ter sido ouvida, a menos que a audição de suas mães tivesse sido "afiada" no exato momento de grande necessidade.



Sherry Thompson

Coisas Mágicas

George D. Durrant

Você já viu uma meia vermelha e branca de um menino de sete anos, tãda amarrotada, jogada por cima de uma cadeira cõr de laranja? Ou uma blusa azul de uma menina de cinco anos, embaçada formando um nós, entre as almofadas de um sofá verde? Ou uma calça cinzenta pendurada na maçaneta da porta? Você já viu um casaco amarelo, com gola de pele, jogado sôbre um tapete vermelho? Você já viu um livro de capa vermelha jogado sôbre o tampo

de uma mesa? Ou um patim com as rodas sôbre uma cadeira de cozinha?

Se você tivesse estado em casa dos Martins, numa quarta-feira, justamente na hora de dormir, você teria visto tudo isto. Porque isto foi justamente o que o pai viu, assim que caminhou em direção ao quarto de Tino e Sara, para dar-lhes boa-noite com uma história.

Assim que o pai entrou no quarto onde as crianças estavam deitadas, fechou a porta rápida e silenciosamente, dizendo: "Não quero quebrar o mágico encanto lá de fora."

As crianças arregalaram os olhos.

Tino disse: "O que você..." Mas antes que êle pudesse terminar, o pai pôs o dedo em seus lábios e disse: "Chit! Se você fizer barulho, êles podem parar."

"Quem pode parar?" murmurou Sara.

"As roupas e os brinquedos, tôdas as outras coisas", disse misteriosamente o pai. "Lembram-se das roupas que deixaram sobre a cadeira laranja e nas almofadas do sofá verde, na maçaneta da porta e sobre o tapete; do livro e dos brinquedos que estavam sobre a mesa? Pois é, eles todos estão se movendo... mágicamente, no ar!"

"Estão nada..." disse Tino. "Não podem mover-se: são meros brinquedos, roupas, coisas..."

"Estão sim," disse o pai. "São mágicos, e quando ninguém os está observando, movem-se. As roupas sujas vão para o cesto de roupas, as limpas penduram-se no seu devido lugar; os brinquedos saltitam rumo onde deveriam estar e pulam para o seu lugar."

As crianças olharam para o pai e sorriram: "Boagem, papai. Nossas roupas não poderiam mover-se sozinhas, não são mágicas."

"Então, como é que vão dos lugares onde vocês as espalham para os lugares onde devem ficar?" perguntou o pai, como se tudo isso fôsse um grande mistério para êle.

"Mamãe o faz!" gritou Sara. "Mamãe os apanha e os coloca nos seus lugares."

"Ah, é? Quer dizer que mamãe é mágica?" perguntou o pai.

"Claro que não," riram as crianças, "ela é somente mamãe. Ela não é mágica, somente faz o seu trabalho."

"Quer dizer que o trabalho da mamãe é apanhar brinquedos e roupas por onde quer vocês os larguem? Isso não me parece ser trabalho dela, pelo contrário, se são coisas de vocês, deveria ser de vocês o trabalho de guardá-las. Ou melhor, sendo coisas suas, de vocês deveria ser a mágica que as faria moverem-se rumo ao seu devido lugar."

Então os olhos do pai arregalaram-se, como se tivesse tido um maravilhoso pensamento. "Ei, vamos ser mágicos! Vamos ao outro quarto, na pontinha dos pés, e fazer uma mágica para mamãe. Vamos tirar roupas, brinquedos e livros dos lugares por onde vocês os espalharam, e vamos colocá-los depressa nos lugares certos."

Tino, Sara e o pai trabalharam rápida e silenciosamente. Logo tudo estava em seus lugares. Então, todos os três foram para onde mamãe estava costurando. "Mamãe, acabamos de ver alguns livros, brinquedos e roupas mágicas", disse o pai. A mãe olhou-os espantada.

"Nossas coisas que estavam espalhadas por toda parte deram um salto e saíram voando para os seus lugares," explicou Tino.

"Foi mesmo," disse Sara rindo, "são mágicas, mamãe."

A mãe correu em direção aos outros quartos, e colocando as mãos na cintura, exclamou: "Ora, vejam só! Os brinquedos, livros e roupas, que estavam espalhados por aí, desapareceram!"

Abriu a porta da frente e perguntou: "Será que algum ladrão não as levou?"

Depois olhou pela janela indagando: "Ou talvez nosso cachorro as tenha carregado!"

As crianças riram e o pai deu-lhes uma piscadela. Foi engraçado enganar a mamãe.

"Onde será que foram parar?" perguntou-se mamãe, coçando a cabeça.

"Venha ver," convidou Tino. E foram ao quarto das crianças. Tino abriu o armário e mostrou à mãe as suas calças. "Veja," disse Sara, apontando para o livro vermelho em sua estante.

A mãe olhou satisfeita. "E não é que são mágicas mesmo. Pois moveram-se sozinhas para onde deveriam estar!"

Sara já ia contar a mãe o truque, mas o pai puxou-a: "Chit! Não conta nada não. Vamos guardar segredo." E foi o que fizeram.

As crianças retornaram às camas. Era maravilhoso ter roupas e objetos mágicos. E tudo o que precisaram foi apenas um pouco de brincadeira.

Se você quiser ver coisas, meias, livros, brinquedos, roupas espalhados por toda a casa, não adianta mais ir à casa dos Martins, por que eles têm coisas mágicas que andam sempre em seus lugares.

Que tal as suas coisas? São mágicas? Basta apenas um pouco de brincadeira para ter coisas mágicas. Experimente!

George D. Durrant, formado pela Universidade Brigham Young, é o atual secretário executivo para os Programas de Mestre Familiares e Reuniões Familiares da Igreja.

O Bispo Presidente
fala à Juventude sôbre

Seu Bispo

Bispo John H. Vandenberg

Clemente de Alexandria registrou uma história apócrifa "transmitida e preservada de memória." Narra um incidente que ter-se-ia dado com João. Durante uma das suas jornadas missionárias, êsse apóstolo veio a conhecer um jovem pelo qual interessou-se pessoalmente. Após ter passado algum tempo na região, o apóstolo partiu, encarregando os líderes locais de zelar por aquêle jovem.

Pouco tempo depois, João foi chamado de volta à cidade. Ao chegar, perguntou por seu jovem amigo. Responderam-lhe que estava morto. "Como e de que morreu?" perguntou João.

E lhe responderam: "Está morto para Deus! Pois, entregou-se à iniquidade e ao desatino, tornando-se um bandido; agora, em lugar de vir à Igreja, oculta-se nas montanhas, com outros homens como êle."



Pedindo então um cavalo, João "imediatamente... partiu... da Igreja e chegando ao lugar em que estavam os bandidos, deixou-se capturar sem qualquer resistência, e disse-lhes: 'Para isto vim. Levei-me ao vosso chefe.' Este esperava-o metido em sua armadura, mas, ao reconhecer João que se aproximava foi possuído de vergonha e fugiu. Mas João perseguiu-o, tão rapidamente quanto podia, esquecido da sua idade, gritando: 'Por que foges do teu próprio pai, meu filho, que está velho e desarmado. Tem piedade de mim... não temas... espera! crê! Cristo me enviou.' Ao ouvir tais palavras, quedou-se cabisbaixo e então, abandonando as armas, pôs-se a tremer e a chorar amargamente, e abraçou o velho, quando este aproximou-se, suplicando-lhe com seus gemidos, ...o apóstolo, confortando-o, conduziu-o de volta à Igreja e orando por ele... e disputando com ele em fervoroso jejum... não partiu, como dizem, até que o restaurou ao seio da Igreja." (Clemente de Alexandria, **Quis Divinitus Salv.**, cap. 42.)

Este é um comovente exemplo de preocupação pela juventude da Igreja, que existia já no tempo dos primeiros apóstolos. Na Igreja, atualmente, a preocupação pela juventude é igualmente pessoal e intensa. Com respeito a este interesse, o chamado do bispo tem um significado especial. Ele é o presidente do Sacerdócio Aarônico e, como tal, tem especial cuidado e interesse pelos rapazes e moças da ala.

A juventude da Igreja tem a responsabilidade de estar junto a seu bispo, acatar seus conselhos e honrar sua liderança. O chamado para bispo é um chamado muito importan-

te e sagrado na Igreja, e os homens que recebem tal chamado são homens especiais. São homens a quem o Senhor chamou por intermédio de seus servos escolhidos. E embora eles possam ter ocupações diárias como encanadores, fazendeiros, professores e médicos, são homens chamados por Deus.

Em 1 Timóteo 3:2-7, Paulo apontou as características de um bispo:

"Convém pois que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher, vigilante, sóbrio, honesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não espancador, não cobiçoso de torpe ganância, mas moderado, não contencioso, não avarento; que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia; (porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?) Não neófito, para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo. Convém também que tenha bom testemunho dos que estão de fora, para que não caia em afronta, e no laço do diabo."

Os bispos de hoje em dia também deveriam ser irrepreensíveis, vigilantes, sensatos, de boa conduta, hospitaleiros, aptos a ensinar e pacientes. São homens a quem se pode recorrer com problemas e perguntas; são homens sábios e inspirados; são homens dedicados. Dedicam muitas e muitas horas, durante a semana, totalmente devotados ao seu chamado. Um bispo é o pai espiritual da sua ala, encarregado de suprir as necessidades, responsável pelas finanças da ala, e juiz comum entre a sua congregação. Seu chamado é muito importante e sagrado.

Para atuar efetivamente, um bispo necessita da lealdade e da confiança da juventude da sua ala. Apoio ao bispo não é somente uma obrigação sagrada; é também uma oportunidade. No Livro de Mórmon lemos que Léhi pediu aos seus filhos que voltassem a Jerusalém a fim de obterem as placas de Labão. Falando a Néfi, disse-lhe Léhi:

"Ordenou, portanto, o Senhor, que tu e teus irmãos fósseis à casa de Labão buscar os anais e os trouxésseis para o deserto. E eis que teus irmãos murmuram, dizendo que estou exigindo uma coisa difícil; não sou eu, porém, quem o está exigindo, mas é uma ordem do Senhor.

"Vai, portanto, meu filho, e serás favorecido pelo Senhor, pois que não tens murmurado.

"E eu, Néfi, disse a meu pai: Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar o caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas.

"Quando meu pai ouviu estas palavras, ficou muito contente, pois compreendeu que o Senhor me havia abençoado." (1 Néfi 3:4-8)

O jovem, rapaz ou moça, que é obediente, sem murmurar, ao conselho do seu bispo, como Néfi, colherá as bênçãos prometidas aos que seguem os conselhos dos servos designados pelo Senhor. O bispo da sua ala está interessado em seu bem estar; está preocupado com você. Ouça o seu conselho e descobrirá que ele é realmente um homem chamado por Deus.

Deleitando-se nas Escrituras

Elaine Cannon

Existem pessoas instruídas nas Escrituras que podem citá-las em qualquer oportunidade. Usam-nas com grande facilidade e citam-nas amplamente. Podem empregar sábiamente a palavra de Deus tão bem quanto conhecem os capítulos e versículos.

A maioria de nós precisa de ajuda para encontrar quais são os princípios de nosso Pai Celestial que se relacionam com uma dada situação. Não conseguimos encontrar facilmente o conselho que dá a orientação ou a resposta às nossas necessidades. Ficaríamos satisfeitos em obedecer aos seus mandamentos ou em aceitar a sua palavra ao nos determos diante de uma encruzilhada, se apenas pudéssemos nos lembrar do que o Senhor tem dito sobre tais assuntos. Frequentemente confiamos mais “no braço de carne” do que na palavra de Deus.

Acreditando, como fazemos, em um Deus amoroso e protetor, cuja sabedoria muito excede em brilho a nossa, consideremos alguns dos seus conselhos dados a respeito de aspectos decisivos das nossas vidas.

ORIENTAÇÃO

“E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada.” (Tiago 1:5)

Se lhe falta sabedoria, algo a decidir na vida, alguma dúvida na mente, se precisa de orientação; onde melhor procurá-la do que

(como sugere a Escritura) em Deus? Ele tem as respostas. Sua vontade é para o seu bem.

SUCESSO

“Cessai de ser ociosos; cessai de ser impuros; cessai de achar falta uns nos outros; cessai de dormir mais do que o necessário; recolhei-vos cedo aos vossos aposentos, para que vos não canseis; levantai-vos cedo para que vossos corpos e vossas mentes sejam vigorados.” (Doutrina e Convênios 88:124)

Parece ter sido escrita especialmente para os adolescentes! Mas quando você segue este conselho e faz a sua parte, seu sucesso está garantido: “... se guardares seus mandamentos, ele vos abençoará e vos fará prosperar.” (Mosiah 2:22).

PERSEVERANÇA

“Mas, bem-aventurados os que são fiéis e perseveram, quer em vida, quer na morte, pois herdarão a vida eterna.” (Doutrina e Convênios 50:5)

Você pode enfrentar o medo e o dissabor de uma confinção no serviço militar; você pode resistir à tentação angustiante; você pode ser paciente na espera, se deixar seu coração e sua mente meditarem na suprema alegria da vida eterna. Isto significa habitar na presença do Pai Celestial, o qual é perfeito em amor, em bondade, em misericórdia e em compreensão.



Testemunho

Hugh B. Brown

do Conselho dos Doze

Quando alguém depõe diante de um tribunal, poderá fazê-lo por meio de uma declaração solene ou afirmação, ou apresentando provas sob juramento. nessa última instância, caso não disser a verdade, poderá ser acusado de perjúrio.

Quando alguém presta testemunho da veracidade do Evangelho, também faz uma declaração solene ou uma afirmação, mas a fonte do seu conhecimento não é a mesma da qual depende como testemunha no tribunal. Poderá ter pouco ou nada a ver com os cinco sentidos. De fato, um autêntico testemunho do Evangelho, um testemunho de que Deus é real e pessoal e de que Jesus de Nazaré é seu Filho, resulta de uma revelação e é um assunto sério e sagrado.

Num tribunal comum, o ouvir dizer e a evidência de segunda mão não são admissíveis a despeito da integridade da testemunha que os apresenta. Deverá confinar sua evidência ao que pessoalmente sabe ser verdadeiro. Embora todos os membros da Igreja deversem respeitar, apoiar e dar ouvidos aos ensinamentos das Autoridades da Igreja, ninguém deveria aceitar uma declaração e basear o seu testemunho sobre ela, não importando quem a tenha feito, até que, sob um exame amadurecido, descubra ser verdadeira e de valor; então suas deduções lógicas poderão ser confirmadas pelo Espírito de Revelação ao seu espírito,

dado que a real conversão deve provir de dentro. Pelo mesmo motivo, os membros da Igreja não deveriam desiludir-se e atirar fora a Igreja por não terem se satisfeito quanto a cada princípio do Evangelho.

Tôdas as bênçãos de Deus resultam da obediência às leis sobre as quais se fundam. Esta regra, ou lei, aplica-se à obtenção de um testemunho do Evangelho ou de qualquer assunto relacionado. Qualquer pessoa responsável pode ganhar um testemunho se obedecer às leis sobre as quais se funda a recepção de tal conhecimento. Mas aqui, como em qualquer parte, há certos pré-requisitos que podem ser relacionados como se segue:

1. A pessoa deve desejar saber a verdade do Evangelho ou do que quer que esteja buscando;
2. Deve estudar e aprender tudo quanto fôr possível com respeito ao assunto. Em João 5:39 lemos: "Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna." E em Doutrina e Convênios 1:37 somos orientados a examinar os mandamentos;
3. A pessoa deve praticar os princípios e verdades que aprende e colocar sua vida em harmonia com eles. Disse o Salvador: "A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. Se alguém quizer fazer a von-

tade dêle, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se falo de mim mesmo." (João 7:16, 17)

4. Deve orar constantemente ao Pai e ter fé em que a verdade será manifestada por revelação, por meio do Espírito Santo.

Moroni nos diz que "pela verdade do Espírito Santo podeis saber a verdade de tôdas as coisas." (Moroni 10:3-5).

Quando Pedro respondeu a Cristo a pergunta que êsse lhe fizera, sobre quem êle, o Salvador, era tinha o Espírito de Revelação, e Jesus disse-lhe: "Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não to revelou a carne e o sangue, mas meu Pai que está nos céus." (Mateus 16:17)

Isto confirma que a revelação pessoal e direta está à disposição dos que aprenderem os pré-requisitos devidos e conformarem suas vidas a êles.

Ao falarmos ou ao escrevermos às sócias da Sociedade de Socorro, estamos nos dirigindo às edificadoras dos lares das nossas comunidades e da nossa Igreja. Cada lar tem um espírito, e êsse espírito, em larga medida, dependerá do testemunho que a mãe tem da divindade da obra em que está engajada. Isto salienta a importância de que venha a obter um testemunho, e, sob a inspiração do Espírito Santo, guiar e dirigir os negócios da casa e as vi-

das dos seus filhos, tendo sempre em mente o relacionamento existente entre o Senhor e seus filhos.

Noutras palavras, a mãe deve ter grande fé — fé em Deus, fé em si mesma e em seu companheiro e fé no triunfo final da justiça — uma fé que se aventure para além do conhecimento e pela qual pode capacitar-se a enfrentar as provas da vida prática e da experiência religiosa. Será guiada tanto por imperativos morais quanto por intelectuais. A mãe que tem testemunho viverá, portanto, uma vida justa, que seus filhos podem emular com segurança, a espécie de vida inspirada e dirigida pelo Espírito Santo, cuja companhia procurará constantemente.

Claro, o conhecimento que a mãe obtém na sua busca de um testemunho lhe será utilíssimo na sua presidência sobre o lar. Mas esse conhecimento deve ser observado e incorporado à vida diária dos que com ela convivem. Aquêles que nega conhecer os preceitos e negligência obedecê-los é semelhante ao que acende uma vela nas trevas e fecha os olhos.

Uma casa não é um lar a menos que contenha alimento e fogo para o espírito e a mente, tanto quanto para o corpo. De maneira a suprir esse alimento e esse fogo, edificador do lar deve ter ingredientes que incluam a força do testemunho do pai e da mãe, e dela dependam.

Em II Pedro 1:5-7, esse apóstolo relaciona as virtudes:

“E vós também, pondo nisto toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência; e à ciência temperança, e à temperança paciência, e à paciência piedade; e à piedade amor fraternal; e ao amor fraternal caridade.”

Alma presta seu testemunho como segue:

“E isso ainda não tudo. Supondes, por acaso, que eu não conheça essas coisas por mim mesmo? Eis que vos afirmo que as coisas de que falei são verdadeiras. E como supondes que tenho certeza da verdade? Eis que eu vos digo que elas me foram mostradas pelo Santo Espírito de Deus. Jejuei e orei duran-

te muitos dias para poder conhecer essas coisas por mim mesmo. E agora sei por mim mesmo que são verdadeiras, pois o Senhor Deus mas revelou por seu Santo Espírito; e esse é o espírito de revelação que está em mim.” (Alma 5:45-46)

Nesta época em que há tantos lares desfeitos, já é tempo de parar de construir meras casas e de começar a reconstruir lares arruinados e de lançar alicerces sobre os quais seja possível estabelecer futuros lares duradouros.

Quando nossos avós desposaram-se para o melhor ou para o pior, quando as coisas iam mal, o que era costumeiro, ambos davam um jeito para melhorá-las. Seu casamento durava sessenta anos ou mais porque sabiam que a mais negra hora duraria apenas sessenta minutos. Demasiado número de pessoas, hoje em dia, entra no casamento com uma porta de emergência escancarada, porta essa que leva ao tribunal do divórcio.

A ampla liberdade que hoje gozamos requer um auto-contrôle estabilizador e constância, tal como os os ramos demandam raízes. Nesta complicada era de inquietação e de velocidade, vivemos todos oprimidos, por vícios, por tensões e esforços. A tensão exige tenacidade, e o esforço requer constância. Um testemunho do Evangelho provê uma escola espiritual, sem a qual a vida humana não conduziria senão ao naufrágio. As mais efetivas e duradouras impressões da vida são recebidas no lar presidido por pais que sabem e dão testemunho de que Deus é real e pessoal, de que Jesus é o Cristo e de que o Evangelho foi restaurado.

“O testemunho é como a flecha lançada de um grande arco. Sua força depende da mão que tira a corda,” disse Francis Bacon.

Escrevendo aos hebreus, disse o apóstolo: “Porque também a nós foram pregadas as boas novas, como a eles, mas a palavra da pregação nada lhes aproveitou, porquanto não estava misturada com a fé naqueles que a ouviram.” (Hebreus 4:2)

Quando o Mestre retornou de Nazaré, afirmou-se que ele não pôde ali fazer muitos milagres por causa da descrença deles. Todas as esperanças, horizontes e motivos que têm sido dados ao homem dependem da fé em Deus.

Nossas convicções são mais importantes do que as nossas vidas, se resultam de testemunhos revelados. Necessitamos do tipo de coragem produzida pela fé que nos habilitará a nos voltarmos triunfantemente para o oriente ao cair da noite, com a calma segurança de que o raiar do dia certamente seguir-se-á à escuridão.

Devemos re-obter e reter aquela fé austera e auto-confiante dos pioneiros mórmons. A cada um de nós é dada uma tocha, ao procurarmos ver o caminho à nossa frente, para podermos acender as lâmpadas dos outros.

Toda grande empresa começa pela fé, e dá em fé o seu primeiro passo. Nosso trabalho deve ser feito com fé no futuro, porque muito pouco dele mostra-se sobre o solo durante a nossa vida.

Necessitamos constantemente do calor, do brilho e do poder da fé que suportará e que será suportada pelo nosso testemunho do Evangelho.

“A fé” disse Alfred Tennyson, “vê o melhor que brilha através do pior; sente que o sol está oculto apenas enquanto durar a noite; aguarda o verão através do seu germe que é o inverno; prova do fruto antes que floresça o outono; ouve a cotovia dentro do ovo silencioso; encontra a fonte onde outros clamam: miragem!” E continua: “Não penseis que a fé, pela qual vive o justo, é letra morta, um mapa preciso do céu. E menos ainda, um sentimento aficionado e fugitivo, um dom impensado retirado tão logo é conferido. É uma afirmação e um ato solicitando à verdade eterna eterna apresentar fatos.”

Ter fé é sustentar-se convicções razoáveis em domínios fora do alcance da demonstração final e assentar-se a vida sobre tais convicções, como se fôssem realmente

verdadeiras. Um testemunho do Evangelho desenvolve e sustém tal fé.

"Creio na dignidade final das coisas e ainda que venha a despertar no inferno, continuarei a crê-lo," disse Robert Louis Stevenson."

Há muitas pessoas que fazem o possível. Pode-se contratá-las por um salário mínimo. Os prêmios, porém, são para os que desempenham o impossível. Se algo puder ser feito, a experiência e o talento poderão fazê-lo — se não puder, somente a fé poderá fazê-lo.

A ciência e a religião deperdem da fé para inspirarem-se a dar cada passo avante. Tõda a ajuda divina depende da presença da fé humana. Palavras como estas estavam sempre nos lábios do Salvador:

"Tem bom ânimo, a tua fé te curou. Segundo a tua fé, seja feito para contigo conforme desejas. A tua fé te salvou."

A vida do homem, interpretada e motivada pela fé religiosa é cheia de glória; porém, desprovida da interpretação da fé, perde o seu mais alto significado e suas mais nobres esperanças.

"Tenhamos fé no fato de que o direito faz a fôrça, e nesta fé cumparamos o nosso dever até o fim..." disse Abraham Lincoln.

"Seja em primeiro de janeiro ou em trigésimo de dezembro, a fé é uma boa palavra com a qual suster-se," disse Robert Louis Stevenson.

E Ralph Waldo Emerson disse:

"Poesia é fé, fé em que os lados convergentes de uma pirâmide juntam-se no tôpo, quer o veja-mos, quer não."

Com todo o nosso conhecimento, devemos encarar cada dia como Paulo encarou sua jornada a Jerusalém: "não sabendo o que lá me há de acontecer." (Atos 20:22). A sua continuada e sustentadora fé foi apoiada e escorada pelo seu testemunho inspirador.

Cada sócia da Sociedade de Socorro, cada mãe em Israel, precisa e deve obter um testemunho de que Deus vive e de que ela é membro de uma Igreja viva, e mcrecimento, voltada para o futuro, onde

novas idéias e novas maneiras de fazer as coisas predominam em suas vidas e não deixam espaço a uma vida mesquinha, nem à paralisia das dúvidas céticas no pensamento.

O testemunho de Pedro é inspirador quando responde à pergunta de Cristo: "...quem dizeis que eu sou? E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo." (Mateus 16:15-16) Este testemunho jorrou de um coração transbordante, tornado mais humilde pela sua recente negativa e mais glorioso pelo seu próprio espírito indomável. É êste comovedor desejo de fazer a vontade de nosso Pai que permitiu aos pioneiros suportarem afrontas e opróbrio para associarem-se aos santos dos últimos dias, ou mórmons.

O Salvador comprazeu-se no testemunho a Pedro revelado, não pela carne e pelo sangue, mas por nosso Pai Celestial; e foi uma evidência do seu amor e de sua mente em expansão à medida em que compreendia o plano do Evangelho. Também nós passamos pelo vale da fraqueza e pelos outeiros da dúvida ao tentarmos escalar as montanhas da fé e obtermos um testemunho da verdade.

Um testemunho perdurável e freqüentemente repetido sôbre a veracidade do Evangelho, prestado pelas mães nos lares, é um baluarte não somente para elas, mas também para as suas famílias, e para todos a quem suas vidas influenciaram. Devido aos testemunhos dos oficiais e membros da Sociedade de Socorro, de que Deus é real e pessoal, e à sua compreensão do relacionamento entre Deus e o homem, esta organização mundial de senhoras adotou a caridade (amor) como moto: "A caridade nunca falha." (Veja-se 1 Cor. 13:8)

Disse Frank Crane:

"A caridade convencional atira tostões ao chapéu do mendigo, leva pão ao faminto, distribui roupas ao nu; a verdadeira caridade, que é um outro nome do amor, dispõe-se a remover as condições que produzem a mendicância, a fome e a nudez. A caridade convencional brinca de

"Dona Abundância"; o amor tenta estabelecer leis que permitam prover emprêgo a todos para que não necessitem da abundância. A caridade convencional aceita piamente as coisas tais como elas são e ajuda ao desafortunado; o amor atuante vai à legislatura e modifica as coisas.

"A caridade pode esmagar a mosca; o amor nos impele a remover os monturos que as geram.

"A caridade dá quinino aos trópicos maláricos; o amor drena os pantanais.

"A caridade envia cirurgiões, ambulâncias e enfermeiras qualificadas à guerra; o amor fraterno luta para assegurar-se de que o internacionalismo previna as guerras.

"A caridade admite as instituições e costumes maus como sendo parte da providência divina e lacrimosamente labuta cuidando da desgraça; o amor considera injustiça, onde quer que se ache, apoiada ou não nos costumes, respeitável ou não, como obra do diabo e vigorosamente a ataca."

A melhor parte da humanidade não deseja ajuda, nem favor, nem caridade; deseja uma oportunidade justa e um jôgo limpo.

Como disse Henry Wadsworth Longfellow:

"O pouco que tenho visto do mundo ensina-me a olhar os erros alheios com tristeza, não com ira. Quando tomo a história de um pobre coração que pecou e sofreu e penso nas lutas e tentações pelas quais passou, as breves pulsações de alegria, a febril inquietação de esperança e medo, a pressão das necessidades e a deserção dos amigos, de bom grado entregaria a alma transviada do meu próximo àquele de cujas mãos veio."

Por vêzes, ao presidirmos na Igreja, ocuparmos posições executivas nos negócios, ao advogar ou ao estarmos em comando militar, alguns de nós somos obrigados a proceder a julgamentos, investigações e proferir sentenças sôbre o próximo. Freqüentemente, em casos assim, quando os associados e conselheiros têm insistido no exame microscópico da vida e das faltas do acusado,

tenho me refreado de fazer um juízo precipitado por imaginar uma retrospectiva cinematográfica da minha própria vida. Quão freqüentemente em tais ocasiões as imagens têm eclipsado o material em exame e a "primeira pedra" tem ficado retida porque não estou qualificado para lançá-la.

S. E. Kiser imaginou que um dia, no paraíso, dois anjos resplandescentes caminhavam pelas calçadas de âmbar que margeavam as ruas de ouro. Ao encontrarem-se, fitaram-se mutuamente nos olhos e então deixaram cair suas harpas, estupefatos, e ali ficaram em muda surpresa. E outros anjos vieram, e, ao aproximarem-se ouviram ambos exclamarem em uníssono: "Ei, como foi que você veio parar aqui?"

Benjamin Johnson acrescenta: "O próprio Deus, senhor, não se propõe julgar o homem antes do fim dos dias d'ele, por que o faríamos nós?" E Dante adverte: "Ó mortais, cuidai da maneira como julgais."

As obreiras da Sociedade de Socorro deveriam relutar em escolher entre o ardente fanatismo e a rendição sentimental. Deixem que a convicção pessoal e a generosa tolerância se encontrem e se fundam. O espírito do testemunho torna as pessoas tolerantes quanto às fraquezas e erros dos outros enquanto salienta a fraternidade humana.

Um livro sobre a tolerância, da autoria de Phillips Brooks, menciona seis espécies de tolerância:

"Primeira: a tolerância que é pura indiferença. Podemos ser tolerantes porque não nos importa, porque a questão não nos diz respeito.

"Segunda: a tolerância política. Podemos ser tolerantes porque achamos que iríamos perder mais do que ganhar ao nos opormos à pessoa ou à medida.

"Terceira: a tolerância da impotência. Podemos ser tolerantes porque compreendemos que o inimigo detém o campo e que a resistência será fútil.

"Quarta: a tolerância por puro respeito ao homem. Podemos ser tolerantes porque respeitamos o di-

reito da pessoa de pensar erroneamente, porque concordamos com o que Voltaire escreveu a Helvétius: 'Desaprovo o que disseste, mas defenderei até a morte o teu direito de o dizeres.'

"Quinta: a tolerância da simpatia espiritual. Podemos ser tolerantes porque sentimos uma camaradagem espiritual pelo homem cujo propósito é bom mesmo que a premissa seja falsa.

"Sexta: a tolerância de uma visão ampliada da verdade. Podemos ser tolerantes porque compreendemos que a verdade é maior do que o conceito que dela tenha qualquer homem, não importando se nós mesmos sejamos êsse homem.

"As primeiras três espécies de tolerância são mesquinhas; as últimas são magníficas."

"A verdadeira tolerância," diz Brooks, "consiste no amor da verdade e no amor pelo homem, ambos trazem sua perfeição e vivem em perfeita harmonia um com o outro." Mas esta não é uma realização fácil.

Nesta era de egoísmo e ganância, de controle de natalidade e esterilidade, de divórcio fácil, lares desfeitos e delinqüência juvenil, nesta época de diversões baratas, preguiça e falta de disciplina, é bom procurar os valores básicos, chamar a atenção para o fato de que o lar é a instituição mais fundamental da nação e de que as mães são as primeiras mestras desta escola de edificação do caráter. Ensinemos às moças do país que a feminilidade é glorificada pela maternidade. A mulher possuidora de um testemunho do Evangelho satisfará os requisitos da edificação do lar com aprumo e dignidade.

Maternidade é a inscrição na porta através da qual os espíritos passam para entrarem no reino dos mortais, e será a senha da mulher para a sua admissão nos mais altos graus de glória. O Filho de Deus santificou e glorificou esta inscrição quando passou por essa porta e chamou à mulher mortal: "Mãe." Quão importante é que toda mãe tenha um

testemunho d'ele e coopere com êle na contínua obra da redenção.

Disse o Presidente David O. McKay:

"A maternidade é a única coisa no mundo que mais verazmente exemplifica as virtudes dadas por Deus de criar e sacrificar-se, pois que leva a mulher à beira da morte e às fontes da vida, tornando-a partícipe com o criador no conferir aos espíritos eternos a vida mortal. Os artistas podem tornar reais as novas visões; os poetas exprimem pensamentos jamais conhecidos ou vestem os velhos com garbo mais atraente; os engenheiros podem transformar desertos em campos abundantes e enchê-los de prósperas cidades e florescentes vilas; os cientistas podem descobrir novos elementos e por suas várias combinações criar meios contribuintes ao progresso ou à destruição — todos são, em alguma medida, reveladores das coisas desconhecidas. Mas a mãe que, segundo a lei eterna, traz ao mundo um espírito mortal, ocupa o primeiro lugar no reino da criação." (Ideais do Evangelho, p. 656)

Todos que receberam um testemunho do Evangelho mediante revelação estão autorizados, comissionados e requeridos a ensinarem êsse mesmo Evangelho sob a inspiração do espírito por meio do qual veio.

Cito e recomendo o apêlo da Irmã Zina Y. C. Brown contido no seu poema em prosa intitulado "A Mulher Exaltada."

"Filhas de Sião, mães de homens, apegai-vos aos dons do vosso magno chamado,

"Para que não percais estas pérolas de inapreciável pureza e sagrado propósito.

"Não sabeis que o vosso lugar é ao lado e não abaixo

"Dêste companheiro a quem fostes dadas pelo Senhor?

"Mulher exaltada, sê a primeira a perdoar e a última a abandonar.

"Tu, sacerdotiza, rainha,

"Agradece a teu Deus que assim te fez:

"Pois que nasceste

"Mulher".

Como Comunicar-se Efetivamente

Thomas S. Monson
do Conselho dos Doze



Quando o Salvador deu a sua Grande Comissão: "Portanto ide, ensinai a tôdas as nações," a esmagadora responsabilidade de comunicar-nos efetivamente tornou-se real. Desde a restauração do Evangelho nesta dispensação, muitos milhões de cruzeiros e incontáveis horas de trabalho e esforço persistente acompanharam a oportunidade de proclamar as Boas Novas.

De modo a poder comunicar-se com eficácia, a Igreja tem-se utilizado de todos os meios de comunicação disponíveis: jornais, revistas, filmes, televisão, rádio e outras facilidades.

A tremenda responsabilidade de alcançar e motivar cada pessoa torna-se mais evidente quando pensamos em termos de indivíduos. Consideremos as consequências de falharmos em nosso propósito. A notícia seguinte foi extraída do **Deseret News** (jornal oficial da Igreja em Salt Lake City):

JOVEM SENTENCIADO À PRISÃO PERPÉTUA

LAS VEGAS (AP) — Um jovem de apenas dezesseis anos foi condenado a três penas consecutivas de prisão perpétua, segunda feira última, após ter-se pronunciado culpado do assassinato de três bancários.

O jovem havia sido acusado de ter morto a tiros o gerente e dois caixas durante um assalto a um banco em Las Vegas, que rendeu 35.000 dólares.

O jovem em questão era membro da Igreja, batizado e confirmado aos oito anos de idade. Frequentou a Escola Dominical e a Primária, era portador do Sa-

cerdócio Aarônico. Após ler sobre os assassinatos, seu bispo declarou amargurado: "Onde foi que falhamos em nos comunicarmos com êle?"

A comunicação não significa simplesmente dizer ou ouvir algo. Jamais na história tantas pessoas têm conhecido tanto sobre o que se passa no mundo. Comunicação em sentido mais profundo significa comunhão, uma partilha de idéias e de sentimentos. Vem do latim **communico**: "partilhar"; e a comunicação é o "ato de partilhar ou conceder parte de algo."

Alguém definiu **comunicação** como "arte de informar e persuadir a outros." A habilidade de comunicar-se não é inata, temos que aprendê-la e obtê-la com dificuldade.

Temos um problema de comunicação seja ao guerrear contra as potências adversárias, seja ao nos esforçarmos para ajudar os membros da Igreja a viverem segundo os princípios do Evangelho.

Suponho que possamos nos confortar no fato de que o Mestre teve também seus problemas de comunicação, ainda que tivesse grande entendimento do povo. Certa ocasião, Jesus falava de sobre um barco à grande multidão reunida na praia. No decorrer das suas observações, relatou a parábola do semeador. Ao terminar, seus discípulos lhe perguntaram: "Por que lhes falas por parábolas?" Ele, respondendo, disse-lhes: "Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é dado." (Mateus 13:10-11)

E disse-lhes que aquelas pessoas em particular eram duras de ouvidos e que seus olhos estavam fechados, e disse-lhes mais: "Mas bem-aventurados os vossos olhos, porque vêem, e os vossos ouvidos, porque ouvem." (Mateus 13:16) Então continuou seu sermão, contando várias outras parábolas.

Talvez os discípulos estivessem muito embaraçados para interrompê-lo novamente, uma vez que lhes fôra dito que a eles era-lhes dado compreender os mistérios do céu. Mas quando a multidão se foi, “chegaram ao pé d’ele os seus discípulos, dizendo: Explicanos a parábola...” (Mateus 13:36)

Se o Mestre julgou ser necessário repetir e explicar de modo a obter uma comunicação efetiva, suponha que não deveríamos nos sentir desencorajados ao falharmos em nos comunicar efetivamente logo na primeira vez.

A comunicação efetiva é essencial à motivação efetiva. O líder deve primeiramente educar a si mesmo, desenvolver entusiasmo e aperfeiçoar-se no talento que deseja ensinar (comunicar). Deve então projetar seu sentimento sobre o assunto até que seja partilhado pelo seguidor. Este é o processo da mais efetiva motivação.

A comunicação efetiva sempre inclui três ideais: **clareza, concisão e comprovação:**

1. **Devemos tornar clara a nossa apresentação:** A primeira regra de clareza é ter uma meta ou objetivo bem definido — saber o que desejamos realizar por



meio da comunicação. A menos que possamos definir claramente esta meta para nós mesmos, é improvável que a audiência a compreenderá e será motivada.

Outro modo pelo qual a clareza pode ser aperfeiçoada é pelo uso de ilustrações. Uma vez que as palavras têm diferentes significados para as várias pessoas, uma definição suplementar por meio de ilustrações de apoio é costumeiramente útil.

Uma ilustração é feita por meio de palavras e gestos, como as parábolas. Jesus fez das parábolas parte de quase toda situação didática. Tão freqüentemente usou este auxílio didático que a certa altura os evangelistas registraram que “sem parábolas nunca lhes falava.” (Marcos 4:34)

Jesus disse que usava parábolas ao ensinar porque transmitiam a verdade religiosa na exata proporção da fé e da inteligência do ouvinte. Para o inculto a parábola tinha interesse narrativo e algum valor didático. Para o espiritual, transmitia muito mais, incluindo os mistérios ou segredos do reino dos céus. Assim, a parábola é adequada tanto ao simples quanto ao instruído. Ensina todas as pessoas a encontrarem a divina verdade nas coisas comuns.



As breves comparações estão estreitamente relacionadas às parábolas, e o Mestre as usava para ilustrar idéias, tais como: “É melhor que um homem morra do que deixar que uma nação degenere e pereça em incredulidade.” (1 Néfi 4:13) “Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.” (Mateus 4:19) “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.” (Mateus 5:16) “Pelos seus frutos os conhecereis.” (Mateus 7:20)

Histórias ilustrativas fornecem outro excelente meio de ensino para ajudar na clareza. Para as pessoas é fácil projetar-se em histórias de pessoas vivas e nas suas experiências. O Senhor freqüentemente usava esta técnica. Com o caso do óbolo da viúva, ele ilustrou uma lição de verdadeira doação: “... Em verdade vos digo que lançou mais do que todos esta pobre viúva. Porque todos aqueles deitaram para as ofertas de Deus, do que lhes sobeja; mas esta, da sua pobreza, deitou todo o sustento que tinha.” (Lucas 21:3-4)

Histórias reais que envolvam pessoas reais provêm um excelente veículo para a promoção da clareza.

Outro tipo de ilustração envolvendo palavras e gestos é a demonstração. Isto é particularmente útil ao tentarmos ensinar habilidades que tenham alguns aspectos mecânicos. Exemplos de situações nas quais as demonstrações podem vir a ser usadas com proveito incluem o uso efetivo de auxílios visuais, habilidades atléticas ou métodos de conduzir uma reunião típica do comitê executivo do Sacerdócio da ala ou ramo.

O velho adágio de que "uma figura vale por mil palavras" pode ser apoiado por muitos exemplos, por exemplo: mãos em atitude de oração, mãe com o filho.

Os objetos proporcionam outro meio de esclarecer uma mensagem. Podem ser objetos do ambiente, de uso comum ou especialmente preparados para a ocasião.

2. Devemos tornar concisa a nossa apresentação:

Ser conciso significa exprimir muito em poucas palavras. O tempo dispendido na comunicação de uma idéia pode variar, dependendo da complexidade do assunto e do conhecimento que os membros da audiência já tenham do assunto. Mas a comunicação é aperfeiçoada quando cada palavra, cada sentença e cada parágrafo é significativo e pertinente ao assunto.

As linhas gerais a seguir-se para tornar concisa uma apresentação incluem:

a. Estude e pesquise até estar certo de que a informação que possui é digna de apresentação.

b. Anote seus pensamentos tal como lhe vêm à cabeça, sem qualquer preocupação de estilo ou forma final.

c. Disponha as idéias numa ordem lógica. Alguns usam uma fórmula para organizar o material numa seqüência lógica: afirmação, justificativa, exemplo, afirmação.

d. Elimine as idéias irrelevantes, ilustrações e humor que ultrapassem a aplicação. Devido à dificuldade de obter-se plena atenção, algumas pessoas são tentadas a incluir material que embora seja interessante, não é inteiramente relevante.

e. Estando completo o estágio de organização das idéias, reduza ao mínimo as palavras necessárias de cada sentença.

f. Por último, exercite-se o suficiente para apresentar o material da forma como foi preparado.

3. Temos que comprovar o que ensinamos para verificar o que foi aprendido.

Audição fragmentária, má compreensão de idéias ou palavras mal-entendidas podem causar equívocos. É importante, portanto, ter um método de verificação, re-atuação e correção de impressões enganosas sempre que possível. Um representante trabalhista descobriu um meio muito eficiente para arrefecer disputas acaloradas e aperfeiçoar a comunicação nas discussões trabalhistas. Essa pessoa, atuando como moderador nas discussões, impôs como regra de debate que o representante da classe operária não poderia apresentar o seu ponto de vista enquanto não pudesse explicar o ponto de vista da classe patronal de modo satisfatório para o representante da classe patronal, e vice-versa.

Poderíamos bem seguir o exemplo do rei Benjamim e seu povo:

"E então aconteceu que, tendo o rei Benjamim assim falado a seu povo, enviou mensageiros, a fim de saber se acreditavam nas palavras que lhes tinha falado.

"E todos clamaram a uma só voz, dizendo: Sim, acreditamos em tôdas as palavras que nos disseste; e também sabemos que são certas e verdadeiras, porque o Espírito do Senhor Onipotente efetuou em nós, ou em nossos corações, uma grande mudança, de modo que não temos mais vontade de praticar o mal, mas de fazer o bem continuamente." (Mosiah 5:12).

Por meio dos seus profetas, o Senhor tem aconselhado sobre a importância das habilidades de comunicação. Tem salientado também a necessidade da espiritualidade como parte da comunicação efetiva.



Sejam abertos e honestos; estamos lidando com preciosas almas. A pseudo-sofisticação e a manipulação não têm lugar no reino. Paulo exortou os membros a comunicarem-se "seguindo a verdade da caridade." (Efésios 4:15)

Deveríamos transmitir o nosso amor e preocupação, uma vez que os sentimentos, freqüentemente, podem atravessar barreiras mesmo quando as palavras não o conseguem. "E o Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé; e, se não receberdes o Espírito, não deveis ensinar." (D&C 42:14)

Quando Moisés foi chamado para tirar os filhos de Israel da servidão, reconheceu sua fraqueza como orador capaz de comunicar-se. Não obstante, tinha o Espírito do Senhor consigo. O Senhor, após renovar-lhe a confiança, deu-lhe Aarão por porta-voz. Não deu a Aarão a responsabilidade da liderança, designou este dever a Moisés, que tinha outros talentos de liderança necessários à realização da tarefa. (Veja-se Êxodo 4:10)

Paulo aconselha que devemos buscar os dons espirituais para que possamos falar ao homem "para edificação, exortação e conforto." E acrescenta que a clareza é até mesmo mais importante do que o dom de línguas: "Porque, se a trombeta der somido incerto, quem se preparará para a batalha? Assim também vós, se com a língua não pronunciardes palavras bem inteligíveis, como se entenderá o que se diz? Porque estareis como que falando ao ar." (Veja-se 1 Cor. 14:3-9).

Quando deixamos que o Senhor seja nosso guia no desenvolvimento de habilidades de comunicação, ele

pode nos ajudar a sermos humildes, a apresentarmos às pessoas certas no momento próprio, numa atmosfera em que receberemos confiança e seremos dignos de ouvidos atentos. Quando habilidades de comunicação são acompanhadas pela espiritualidade, o Senhor pode operar por intermédio dos seus servos para a consecução dos seus propósitos.

Centenas de milhares de membros recém-batizados na Igreja, e muitos missionários que lhes ensinaram o Evangelho provêem um testemunho vivo da comunicação efetiva.

Num certo dia de primavera, um humilde rapaz, motivado por um sincero desejo de conhecer a verdade, buscou uma audiência com seu Pai Celestial. A gloriosa visão que se seguiu, as palavras do Pai — “Este é o meu Filho amado; ouve-o!” — a mensagem do Mestre e a resposta de fiel serviço e supremo sacrifício dada pelo jovem Joseph Smith constituíram-se em refinados exemplos de comunicação.

A medida que nos preparamos para nos comunicarmos efetivamente, possa êsse maravilhoso exemplo governar o nosso pensamento e estimular-nos à ação.

Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais



Jóias Sacramentais

Escola Dominical Sênior

“E a vida Eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” (João 17:3)

Escola Dominical Júnior

“Se me amardes, guardareis os meus mandamentos.” (João 14:15)



Marcelo (terceiro a partir da esquerda) e seus irmãos divertem-se nas águas: o peixe que apanharam está na lata que seu amigo traz à cabeça.

"...derramarei o meu Espírito sobre toda carne, e vossos filhos e filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, e vossos mancebos terão visões." Joel 2:28

No Dia em Que as Águas Subiram

Marcelo Leite Silveira

Em fins das férias de julho, achava-me lendo ativamente o Livro de Mórmon. Não me recordo exatamente da data ou da maneira como fui inspirado. Alí no meu quarto, recostado na cama, não me lembro se dormia ou se apenas meditava quando me veio à mente uma estranha mensagem: "Deverei calafetar as portas com manteiga na enchente, do contrário a água invadirá nossa casa."

Jamais lera ou ouvira falar em caso semelhante e sabia que jamais houvera uma inundaçãõ que nos atingisse. Morávamos no bairro da Providência (São Paulo) e nossa casa, embora situada em frente a um córrego que no verão muitas vezes transbordava, jamais fôra atingida por achar-se em nível elevado sobre o leito da rua. Portanto, concluí que não iríamos precisar desta inspiração. Entretanto, a idéia voltou à minha mente tantas e tantas vezes que acabei contando a respeito à minha mãe que, no princípio admirou-se, mas após alguma reflexão, concluímos que havíamos de fato recebido uma valiosa inspiração da qual não nos deveríamos esquecer.

Em meados do verão de 1970, o rio em frente da nossa casa transbordou várias vezes em virtude das fortes chuvas que caíam a todo momento, com maior frequência do que nos anos anteriores, sem contudo nos causar qualquer dano. Não obstante, receiávamos a queda de chuvas mais fortes. Cêrca das duas horas da tarde do dia 19 de janeiro, começou a chover furiosamente e em menos de uma hora, o rio já parcialmente cheio, transbordava de nôvo. E como as chuvas não esmorecessem, o nível das águas continuou a subir ameaçadoramente, atingindo em pouco tempo o nosso jardim. Quando papai retornou do trabalho naquela tarde, teve que deixar o carro nas proximidades e alcançar

a casa só de calções. Papai havia esquecido em casa os tapetes do carro e com êles foi feita uma tentativa de vedar-se o vão da soleira da porta. Logo verificamos a insuficiência dos tapetes na contenção das águas, então sugeri que procedêssemos segundo o que me fôra inspirado. Papai espantou-se com a proposta mas aceitou. Pusemo-nos então a vedar com manteiga os vãos do encaixe da porta, por dentro e por fora, até a uma altura de 30 centímetros. Mal termináramos o serviço, a água alcançou a soleira da porta e continuou a subir. Um de nós ficou de guarda atrás da porta, pronto a utilizar a meia lata de manteiga que sobrara das duas que havíamos utilizado, caso houvesse necessidade. Do lado de fora, a água continuava a subir até que atingiu uma altura máxima de meio metro, o que bastaria para inundar a casa com 15 centímetros de água. Felizmente isso não ocorreu: tôda a água que penetrou pôde ser recolhida numa xícara!

Ao baixarem as águas da inundaçãõ pudemos verificar a extensão da calamidade: Dezenas de casas haviam sido invadidas pela enchente, atingindo os colchões de muitos vizinhos que, em consequência, não puderam dormir naquela noite. Um carro fôra arrastado da garagem pela violência das águas e ocorreram casos de afogamento nas redondezas. Quando, no dia seguinte, preocupada com a nossa situação a família Bronze, da nossa ala, veio nos visitar, espantaram-se com o recurso que havíamos empregado e unanimemente concluímos que nossa família havia sido abençoada pelo Senhor.

Marcelo Leite Silveira, 15 anos de idade, e batizado quando tinha oito, é membro ativo da Ala V da Estaca São Paulo e portador do grau de Mestre no Sacerdôcio Aarônico.



Participantes deixam a capela de Rivera no encerramento da Convenção Internacional de Jovens.

Gauchada em Rivera

F. Máximo

Rivera e Livramento fundem-se numa só cidade sobre a linha de fronteira entre o Brasil e o Paraguai, originando uma pacata comunidade de singulares características onde duas nacionalidades co-existem fraternalmente. Esta notável localidade foi escolhida pelas lideranças da Missão Brasileira do Sul e da Missão Uruguaia como sede da CONVENÇÃO INTERNACIONAL DE JOVENS, que congregou cerca de 400 santos, provenientes de cinco nações e vários Estados brasileiros, nos dias 15, 16, 17 e 18 de janeiro passado; fruto de seis meses de minuciosos preparativos que garantiram o pleno sucesso alcançado. Além das reuniões mensais entre os líderes das AMMs das duas Missões, os organizadores investigaram pessoalmente todas as facilidades e alternativas de transportes, diversões e alojamentos, viajando centenas de quilômetros de rodovias e ferrovias, visitando locais e entrando em contato com autoridades, levantando os elementos indispensáveis a um detalhado planejamento de atividades e a uma exata previsão de custos.

Os convencionais brasileiros começaram a chegar a Livramento, após a concentração preliminar em Porto Alegre, de onde partiram sob ampla cobertura dos jornais, cinema e televisão, no dia 15. Na Praça Internacional, partilhada pelas duas cidades, foi feita a recepção dos jovens brasileiros e uruguaios, de representantes

argentinos e chilenos e da comitiva de vinte jovens paraguaios, a qual havia viajado ininterruptamente 26 horas de ônibus, cobrindo os 1.100 quilômetros de distância entre Assunción e Rivera, para participarem. A tarde toda foi empregada nesse trabalho: relacionamento de jovens, designação para os alojamentos, intenso movimento de ônibus e automóveis, numa atmosfera de euforia partilhada por grande parte da população ali apinhada. Embora o trânsito de pessoas e veículos seja praticamente livre através da fronteira, cuja linha corta ruas, praças, lojas e residências, o maciço e ruidoso tráfego de viaturas brasileiras, ocasionado pela convenção, através da fronteira não teria sido possível sem a ampla permissão concedida pelos prefeitos locais. As autoridades militares e escolares de Livramento deram amplo apoio à realização, colocando à disposição dos jovens, materiais, alojamentos e instalações para a prática de esportes nos quartéis e escolas locais. Os jovens que desembarcaram na cidade de três vagões especiais, aos quais estavam engatados outros dois com dez toneladas de materiais e suprimentos, foram saudados por numerosas faixas coloridas, estendidas de um a outro lado das ruas e praças.

À noite, enquanto se realizava animado baile de confraternização no salão social da Capela de Rivera, sede da convenção, cerca de quarenta irmãos e irmãs

brasileiros e uruguaios acionavam o enorme dispositivo montado para prover refeições aos jovens: meia dúzia de fogões de seis bocas consumiriam mais de cem quilos de gás durante os três dias de duração da convenção, preparando cerca de cinco toneladas de alimentos; cinco refrigeradores de grande porte ajudariam a amenizar o intenso calor reinante fornecendo cerca de quatro mil litros de refrigerantes. (A cada participante coube mais três quilos diários de alimentos!) Os Presidentes das Missões Uruguia e Brasileira do Sul deram entrevista pelo canal de televisão local, esclarecendo à população o significado da reunião. Após o baile, os jovens foram transportados para os seus alojamentos em Livramento: rapazes nos quartéis e no hospital militar, moças no prédio escolar e na capela de Livramento.

O dia seguinte foi inteiramente ocupado por atividades esportivas e culturais, tendo-se após o jantar apresentado variado programa de música, teatro e danças folclóricas dos países participantes. Cada jovem trazia no peito uma pequena flâmula colorida com as bandeiras nacionais, sob as quais podia-se ler datilografado o nome e a proveniência do portador; além disso, cada qual trazia um livreto com todo o programa, permitindo a todos um fácil e rápido entrosamento entre si e com a programação das atividades. As mensagens dos Presidentes de Missão aos jovens, impressas no livreto, interpretavam o significado do acontecimento: "... Contemplando o mundo atual, tenho sentido um profundo aprêço pela grande bênção que para nós é a sociedade da Igreja. Num mundo de violências e... perversões morais, ao vivermos ativamente o Evangelho, nos fortalecemos para enfrentarmos esta corrente mundana... Com razão orou Jesus Cristo ao seu Pai: 'Não te peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal.' A resposta de Deus Pai revelada brilha na AMM. Não nos tira do mundo, mas nos guarda do mal. Meio à violência e à maldade, forma uma sociedade que nos santifica..." afirmou o Pres. William N. Jones, da Missão Uruguia; e o Pres. Thomas F. Jensen, da Missão Brasileira do Sul comentou a respeito da responsabilidade que têm os jovens de estabelecerem um exemplo digno, tanto pela aparência pessoal como pela conduta e pelas maneiras, exortando-os a darem ouvidos às palavras do Pres. David O. McKay.

O sábado foi um alegre dia de passeios, realizando-se um piquenique no Parque Gran-Breña, a sete quilômetros de Rivera em território uruguia. Pela manhã houve divertida gincana. Ao almoço campal, sucedeu-se uma palestra dirigida pelos Presidentes de Missão, que responderam às perguntas formuladas por escrito pelos jovens, afirmando a posição da Igreja com respeito a vários assuntos de interesse da juventude. As atividades prosseguiram com competições sobre conhecimentos do Evangelho. Após o jantar, realizou-se o baile de encerramento, precedido da entrega de certificados de participação a todos os convencionais. A convenção teve seu encerramento oficial na reunião de testemunhos realizado no domingo pela manhã. Além dos pronunciamentos dos Presidentes de Missão, dirigiu-se aos jovens o Patriarca Cesar Guerra, da Estaca de Montevideo. A juventude também se exprimiu, declarando seu testemunho do Evangelho e da vida na Igreja, tendo-o alguns jovens paraguaios feito em guaraní. O restante do dia foi ocupado com os preparativos da partida, despedidas e mútuos agradecimentos pelas oportunidades gozadas e pelo exemplar comportamento dos participantes. A festa, porém, para os valerosos irmãos que se haviam ocupado dos serviços, da administração e da execução, só terminaria quatro dias depois, quando tudo tivesse voltado à sua rotina habitual.

Emocionado, Henry Carlos Koch, 2.º Conselheiro da Presidência da Missão Brasileira do Sul, um dos principais responsáveis pelo trabalho de coordenação e execução, comentou: "A convenção foi muito além das nossas expectativas, o comportamento dos jovens foi algo de que jamais iremos nos esquecer. Promoveu de forma impressionante o nome da Igreja em ambas as cidades." E informou, em seguida, que, possivelmente, a convenção viria a resultar em várias conversões ao Evangelho. O Pres. Sidney C. Geissler, do Distrito de Porto Alegre, apesar de estafado pela intensa atividade de coordenar os trabalhos de alimentação dos jovens, mostrava-se alegre, exprimindo o seu contentamento por essa realização como sendo a mais importante da sua vida. E o Pres. Thomas F. Jensen, da Missão Brasileira do Sul, afirmou: "Dentro da Igreja não existem fronteiras. O que fizemos nessas cidades mostrou aos jovens que a Igreja é a mesma em todos os lugares."



Representando o Chile, Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, cerca de 400 jovens estiveram presentes à convenção.



A delegação paraguia, de regresso a Assunção, fez um circuito de 2.200 km em 54 horas de viagem.

Conferência Distrital na Tijuca

Com a presença de mais de mil pessoas, realizou-se de 17 a 18 de janeiro passado, na capela da Tijuca, Rio de Janeiro, importante conferência distrital da mais jovem das Missões Brasileiras, a do Norte, a qual concentra a maioria dos seus 4.592 membros na região guanabarina.

Nascida em 7 de julho de 1968 da Missão Brasileira, apesar da dificuldade de comunicação causada pelas grandes distâncias que separam a sede de alguns ramos mais longínquos, como Recife ou Brasília, a jovem Missão tem experimentado notável progresso. Somente no ano passado, graças ao incansável trabalho dos seus 162 missionários de tempo integral, entre eles seis brasileiros e dez moças, a concidadania dos santos foi estendida a mais 648 pessoas (o equivalente a 36 novos membros para cada uma das suas 18 unidades).

A nota curiosa da conferência foi a maneira como grande parte da liderança e dos recepcionistas apresentou-se à congregação. Com o objetivo de salientar a importância do silêncio como contribuição à reverência na



O Pres. João A. Dias Filho fala à congregação, enquanto a liderança dá o exemplo da reverência pelo silêncio.

capela, os dirigentes apresentaram-se com a boca fechada por uma tira de esparadrapo. A mensagem foi recebida por todos, reinando um agradável e edificante silêncio durante todo o transcorrer do acontecimento.

Multiplicam-se as Unidades da Igreja num processo que lembra o milagre da multiplicação dos pães

O fenomenal sucesso da obra evangélica no Brasil deverá durante este ano, conduzir ao desmembramento das duas estacas existentes em três ou quatro novas unidades, e à criação de novas em outros pontos do país.

Mormente nas grandes capitais do Sul do País, o crescimento da Igreja tem tornado indispensáveis as divisões de alas e ramos. Em São Paulo essa medida tem sido empregada com frequência, tendo-se recentemente cindido as alas VIII, Santana, e X, Penha, da Estaca São Paulo, para formarem os ramos de Jaçanã e Guarulhos; a Ala I da Estaca São Paulo Leste, dando origem a dois novos ramos: Cambuci e Ipiranga. A Ala III, Santo Amaro, da ESP, recentemente transferiu cerca de duzentos dos 650 membros para o novo ramo da Pedreira, e breve, juntamente com as Alas I e V, originarão o ramo de Indianópolis. Também os ramos de Campinas, I e II, já originaram dois outros na Missão Brasileira.

Esse crescimento mitótico, infelizmente, apresenta um grave problema, uma vez que a Igreja tem crescido mais rapidamente do que tem sido possível formar competentes quadros de liderança. Uma feliz experiência posta em prática pelo Bispo Nelson de Gennaro da Ala Sorocaba da Estaca São Paulo, de fortalecer a retaguarda com membros antigos dando aulas e fazendo

visitas, e de constituir uma liderança eficiente com membros novos à frente das organizações, poderá, a curto prazo, incrementar a formação de novos quadros de liderança, liberando assim valiosos recursos humanos para que a super-Estaca São Paulo possa, das suas quinze unidades, ser desdobrada em pelo menos três mini-estacas, capazes de atender com maior eficiência às necessidades dos santos. É da experiência comum que as unidades pequenas tem um mais elevado nível de integração entre os membros, maior participação nos programas, melhores índices de frequência e mais facilidade de administração do que as gigantescas alas de mais de 700 membros, como a Ala II, Bosque da Saúde, da Estaca São Paulo Leste, ou ramos como o da Tijuca, na Missão Brasileira do Norte, cuja capela tornou-se insuficiente para conter os fiéis. As capelas podem acomodar com conforto apenas 250 pessoas, em média.

Grandes surpresas estão reservadas aos membros que comparecerem às próximas conferências de estaca e distrito deste ano. Novas estacas estarão espalhando no Rio de Janeiro, Baixada Santista, Curitiba, Porto Alegre, Londrina, Campinas e Araraquara com muita probabilidade. Novas Missões também são previstas para breve. Confirmadas tais eventualidades, o Brasil despontará como um dos países que mais rapidamente estão se desenvolvendo no Evangelho em todo o mundo.

Conferência na Ala de Sorocaba

exemplo de obediência e espiritualidade

Walter G. de Queiroz

Segundo Conselheiro da Presidência da ESP

Foi com muita satisfação que, em companhia do Presidente Walter Spät, Estaca São Paulo, e do seu primeiro conselheiro, Antonio Carlos de Camargo, participamos da Conferência da Ala de Sorocaba, realizada a 16 de novembro de 1969.

Lá chegamos na tarde de sábado de 15 de novembro para a Conferência da Primária, onde encontramos uma presidência composta de membros novos, humildes e desejosos de aprender.

Assistimos parte da aula na classe das Princesas do Lar, apresentada por uma professora recém-formada na mesma primária que parecia uma verdadeira princesa ensinando outras princesas, demonstrando domínio da classe, autoridade e sabedoria na apresentação de um material excelentemente preparado, o que assegurou a viva participação das alunas.

A seguir, visitamos a classe dos bandeirantes, onde um jovem sacerdote, nôvo na Igreja, apresentou com humildade uma boa aula, bem estudada, com auxílio do quadro negro e com a participação de todos os presentes.

À noite, assistimos um programa da AMM com números variados de música ao violão, poesias, canções e dois jograis preparados por membros da ala, otimamente apresentados para uma platéia entusiasta, que não regateou aplausos aos participantes e apresentadores.

Ào terminar êsse programa, notamos que os moços do Sacerdócio Aarônico apressaram-se em arrumar as cadeiras e varrer o salão, deixando-o limpo e arrumado para as reuniões do dia seguinte, sem que houvesse qualquer pessoa do bispado cobrando isso.

No horário das aulas da AMM, observamos a obediência do bispo quanto ao programa de integração dos membros novos, com uma classe muito bem frequentada por membros recém-batizados, criando um ambiente saudável, cheio de entusiasmo, satisfação e alegria para todos os presentes.

No domingo, já às 7:30 da manhã, três horas antes do sacramento, encontramos quatro portadores do Sacerdócio Aarônico — jovens preparando a mesa sacramental. O bispo também lá estava, ajudando-os e incentivando-os.

A Escola Dominical seguiu-se no mesmo nível, com todos os seus integrantes a postos, com muita ordem

e reverência, com classes bem frequentadas e com aulas bem preparadas, ministradas por professores treinados e entusiásticos.

À tarde, assistimos à Conferência da Sociedade de Socorro, que contou com uma frequência menor do que a das outras auxiliares, surpreendendo, no entanto, pelo fato de môças estarem frequentando as reuniões e ocuparem cargos juntamente com as senhoras. Ouvimos um número musical cantado pelas irmãs, tôdas elegantemente uniformizadas, deixando transparecer um espírito alegre e feliz.

O relatório do trabalho das senhoras realizado durante o ano foi uma demonstração de trabalho, desprendimento, fé e testemunho na causa do Senhor. No trabalho das professoras visitantes foi mantido um nível de 100% durante o ano todo, além terem sido feitas outras visitas e trabalhos que exigiram grande dose de disposição. 654 visitas foram feitas em casas de membros, 250 fora de casa, 134 a doentes, totalizando 1038 visitas. Vinte e oito horas foram dedicadas ao cuidado de doentes que necessitavam de conforto e ajuda, além de assistência a três funerais.

É claro que em algumas reuniões havia falhas na direção, devendo-se, porém observar que o importante nesses acontecimentos é o fato de que tais pessoas estão se aperfeiçoando no plano do Senhor.

A limpeza da capela estava impecável. Havia ordem nas salas, mesas e estantes do bispado. O respeito e a atenção do bispo para com os membros e dêstes para com seu bispo, e o interesse dos jovens pelas autoridades consitiuiu-se num admirável exemplo digno de imitação.

Pelo seu modo elegante de trajar-se, vestir-se, andar e falar, a ala, homens, mulheres, jovens e crianças, mostrou-se um exemplo inspirador do padrão descrito na publicação PARA O VIGOR DA JUVENTUDE.

Havia uma exposição com os livros QUEM SÃO OS MÓRMONS e MANUAL DE REUNIÕES FAMILIARES, com um cartaz contendo os seguintes dizeres: "O Presidente David O. McKay designou... Você já leu?"

Sentimo-nos pequenos diante do belo exemplo de trabalho realizado na Ala de Sorocaba pelo seu bispo e membros. Rendemos a êsses irmãos os nossos sinceros agradecimentos, rogando ao Senhor que os abençoe em suas tarefas.

Perdoemos a nós mesmos

Richard L. Evans

do Conselho dos Doze

TODOS nós experimentamos, por vêzes, os desassossegos e frustrações da vida — por vêzes perturbados, desencorajados e descontentes, quando perdemos a paz, o senso de propósito, que sempre são tão essenciais à calma e à quietude interior. E tais frustrações se nos multiplicam ao vermos escoarem-se rapidamente os dias, ao vermo-nos correndo, indo e vindo, usando as horas, não fazendo tudo quanto devemos, e, em nossos esforços de recuperarmos e re-alcançarmos, vacilarmos com excessos, com ascensões e quedas; com elevado espírito, em certos momentos, deprimidos em outros; tanto sem fazer, tanto feito em excesso. Dessa forma, hoje, buscando-nos a nós mesmos, pleitearíamos calma e quietude, paciência, contemplação, re-avaliação dos nossos propósitos, com fé nas ilimitadas e eternas possibilidades da vida. Ademais de fé, necessitamos de arrependimento, compreensão, caridade, perdão, à medida que nos colocamos face a face com uma avaliação do nosso passado, com os usos do presente, e um voltar-se para os valores que se provarão mais duradouros. Louvemos a Deus, aprendamos a inutilidade da inimizade — inimizade para com o mal, sim — mas não inimizade para com outros que estão sinceramente tentando viver e encontrar o seu caminho na vida. Oh, possamos viver nossas vidas com maior preocupação e bondade pelos entes queridos, mais compaixão pelas outras pessoas, mais honestidade, mais gentileza no julgar e mesmo, talvez, mais perdão para com nós mesmos, sabendo que Deus vive, que a vida e os entes queridos são eternos, que sua lei, poder e propósito estão sobre todos — e assim possamos encontrar a fé e a paz, ao nos aperfeiçoarmos, nos arrependermos e perdoarmos aos outros, guardando os mandamentos dêle, vivendo as leis de saúde, as leis da felicidade, verdadeiramente, as leis da vida. Vivendo de forma tal que, gentil e sinceramente, possamos perdoar a nós mesmos.